



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA – CESP
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ELKE MARIA DE SOUSA PEREIRA

**A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO DE LITERATURA: Uma
pesquisa com os alunos do 2º ANO do Ensino Médio da Escola Centro de
Ensino Padre Anchieta em Presidente Dutra - MA**

Presidente Dutra - MA

2019

ELKE MARIA DE SOUSA PEREIRA

**A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO DE LITERATURA: Uma
pesquisa com os alunos do 2º ANO do Ensino Médio da Escola Centro de
Ensino Padre Anchieta em Presidente Dutra - MA**

Monografia apresentada ao curso de Letras
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de
Língua Portuguesa da Universidade Estadual do
Maranhão para o grau de Licenciatura em Letras
Língua Portuguesa e Literatura de Língua
Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Wideglan Marques

Co-Orientadora: Profa. Esp. Marrony da Silva Alves

Presidente Dutra

2019

Pereira, Elke Maria de Sousa.

A utilização da biblioteca escolar no ensino de literatura: uma pesquisa com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Centro de Ensino Padre Anchieta em Presidente Dutra - MA / Elke Maria de Sousa Pereira. – Presidente Dutra, 2019.

...67

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Esp. Widêglan Marques Sousa Beserra.

1.Literatura. 2.Escola. 3.Ensino. 4.Biblioteca. I.Título

CDU: 82:[37:027.8](812.1)

ELKE MARIA DE SOUSA PEREIRA

**A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO DE LITERATURA: Uma
pesquisa com os alunos do 2º ANO do Ensino Médio da Escola Centro de
Ensino Padre Anchieta em Presidente Dutra-MA**

Monografia apresentada ao curso de Letras
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de
Língua Portuguesa da Universidade Estadual do
Maranhão para o grau de Licenciatura em Letras
Língua Portuguesa e Literatura de Língua
Portuguesa.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Es. Widêglan Marques Sousa Beserra.
Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica- IESF

Prof. Ma. Jonh Jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras - UERN

Profa. Es. Francione Lima Belfort
Especialista em Literatura Portuguesa e Brasileira- IESF

Quero agradecer, em primeiro lugar ao bondoso Deus, que misericordiosamente nunca me abandonou, através da imensa fé que nele tenho a minha família pelo incentivo diário, e ao meu noivo que me acompanhou em toda essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que, tendo colocado tantas pessoas especiais no meu caminho, deu-me forças para chegar até aqui.

Aos meus pais, Maria e Edson meus irmãos Emanuel, Edna e Emanuele e Maria Joaquina minha sobrinha por sonharem os meus sonhos, apoiando-me e amparando-me sempre. Por não medirem esforços para me fazer feliz.

Ao Felipe (noivo), pelo apoio incondicional, pela compreensão, pelo companheirismo, pela disponibilidade em sempre me ajudar. Por ter estado ao meu lado, com suas infinitas manifestações de carinho, não me deixando desistir.

À minha sogra Aurinete e dona Tereza, por me fazerem acreditar no amanhã, mesmo em tempos tão difíceis. Pela pureza do olhar, pela sinceridade das palavras e das ações.

Aos meus avós Rita, Manoel, Joviano e (Joaquina in memoria), tios, primos e amigos por sempre estarem comigo em sentimento e pensamento na certeza de que hoje, apesar da distância física, estão vivendo essa alegria ao meu lado.

Ao grupo “Quarteto” como assim ficou conhecido na minha turma, sou integrante desse grupo, mas o agradecimento vai para as minhas amigas de trajetória, que durante esses cinco anos sempre estiveram ao meu lado me oferecendo de uma verdadeira amizade, amizade essa que vai muito além do portão da universidade, obrigada meninas, Alane, Lara, Cintia e todos os demais colegas de turma.

À minha orientadora Profa. Ma Wideglan Marques e todo corpo docente da Universidade Estadual do Maranhão em especial a minha co-orientadora Profa. Especialista Marrony Alves que me ajudou incansavelmente desde a primeira vez que solicitei sua ajuda, enfim a todos que me proporcionaram experiências incomensuráveis nesse período de formação com apoio e confiança de que tudo daria certo.

Enfim a todos que direta ou indiretamente fazem parte dessa conquista.

“Sempre imaginei que o paraíso fosse
uma espécie de biblioteca”.

Jorge Luís Borges.

RESUMO

O mencionado trabalho monográfico tem por intuito apresentar a contribuição da biblioteca escolar para o ensino de literatura, visto que esse é um assunto que permeia constantes discursões, como também é pesquisado e abordado no âmbito escolar, sendo aprofundado entre educadores, pesquisadores e de maneira geral por todos os envolvidos na educação. A construção do estudo presente justifica-se na crise pela qual passa o ensino literatura, onde se divide esse cenário por fatores, como desinteresse dos alunos por julgarem as leituras literárias e em especial as canônicas difíceis e chatas; pelo fato de muitos terem o primeiro contato com a literatura somente no ensino médio, menciona-se também a falta de mediação por parte dos professores ou de formação continuada, têm-se ainda a ausência de políticas públicas eficazes e/ou de bibliotecas com acervos que contemplem as necessidades da disciplina de literatura, evidenciado assim que mesmo com a função que a literatura carrega de trabalhar a formação do leitor crítico, não se apresenta subsídios para que essa ação ocorra. Nessa perspectiva, e sabendo da importância desse ensino e da prática de leitura para subsidiar essa formação, enxerga-se o espaço da biblioteca escolar como uma ferramenta pedagógica que propõe uma metodologia atrativa em apresentar e disponibilizar a literatura, se desvinculando do metódico e tradicional estudo de escolas literárias, vida e obra de autores oferecidos pelo livro didático, resumos de filmes ou por pesquisas na internet, é através do espaço interativo, cultural, dinâmico e informativo das bibliotecas escolares que a literatura pode despertar e aproximar os alunos das leituras literárias. Face ao exposto o presente trabalho, tem ainda como objetivo analisar como se oferece o ensino de literatura nas escolas, estudo esse do qual permitiu o levantamento de vários questionamentos, dentre esses encontra-se: quais são as políticas públicas de acesso para esse ensino? Como se desenvolve a mediação de leituras nas aulas de literatura? Qual a visão sobre o uso da biblioteca? Como acontece as atividades da biblioteca escolar através da responsável por esse espaço? Com isso, e na intenção de atender aos objetivos propostos a presente monografia apresenta uma pesquisa de campo realizada com os alunos e professora da turma do 2º ANO do Ensino Médio, e com a bibliotecária da Escola Centro de Ensino Padre Anchieta em Presidente Dutra-MA, realizada através de aplicações de questionários. Em consonância com o exposto, se faz necessário

refletirmos a importância do ensino de literatura em sua integralidade, como também a função que a escola tem de proporcionar esse ensino na perspectiva de formar leitores críticos e autônomos, capazes de atuar na sociedade, instigando os diversos agentes que devem repensar suas práticas.

Palavras-chave: Literatura. Escola. Ensino. Biblioteca.

ABSTRACT

The aforementioned monographic work aims to present the contribution of the school library to the teaching of literature, since this is a subject that permeates constant discursions, is also researched and approached in the school context, being deepened among educators, researchers and in general by all involved in education. The construction of the present study is justified in the crisis that teaches literature, where this scenario is divided by factors, such as students' lack of interest in judging the literary readings and especially the difficult and boring canonical ones; because many of them have the first contact with the literature only in high school, they also mention the lack of mediation by teachers or of continuing education, there is also the absence of effective public policies and / or libraries with collections that contemplate the needs of the discipline of literature, evidenced so that even with the function that the literature carries of working the formation of the critical reader, does not present subsidies for that action to occur. From this perspective, and knowing the importance of this teaching and reading practice to subsidize this formation, we see the space of the school library as a pedagogical tool that proposes an attractive methodology in presenting and making available the literature, dissociating itself from the methodical and traditional study of literary schools, the life and work of authors offered by the textbook, abstracts of films or by researches in the internet, is through the interactive, cultural, dynamic and informative space of the school libraries that literature can awaken and bring the students closer to the literary readings. In view of the above, the purpose of this study is to analyze how literature teaching is offered in schools, a study that allowed for the raising of several questions, among which are: what are the public access policies for this teaching? How is the mediation of reading in literature classes developed? What is the view on using the library? How does the activities of the school library through the responsible for this space?

Thus, in order to meet the proposed objectives, the present monograph presents a field research carried out with the students and teacher of the 2nd year high school class, and with the librarian of the Padre Anchieta School of Education in President Dutra- MA, performed through questionnaire applications. In accordance with the above, it is necessary to reflect the importance of teaching literature in its entirety, as well as the role that the school has to provide this teaching in the perspective of

forming critical and autonomous readers capable of acting in society, instigating the various agents who must rethink their practices.

Keywords: Literature. School. Teaching. Librar

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01 - Você gosta de ler?	46
Gráfico 02 - Você gosta de literatura?	47
Gráfico 03 - Você frequenta a biblioteca?	48
Gráfico 04- Tipo de leituras que você gosta?	49
Gráfico 05 - Por quem você é incentivado a ler?	50
Gráfico 06 - Qual ferramenta o professor utiliza nas aulas de literatura?	51

LISTA DE SIGLAS

PNLL- Plano Nacional do Livro e Leitura

EJA- Educação para Jovens e Adultos

PRONATEC- Programa Nacional de Acesso ao ensino Técnico e Emprego

PROUNI- Programa Universidade para Todos

PNLD- Programa do Livro Didático

PNBE- Plano Nacional das Bibliotecas Escolares

PPP- Projeto Político Pedagógico

IPL- Instituto Pró-Livro

INAF- Indicador de Alfabetismo Funcional

PROLER- Programa Nacional de Incentivo a Leitura

LDB- Lei e Diretrizes e Bases da Educação

AEE- Atendimento Educacional Especializado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Leitura	15
2.1.1 Políticas Públicas e o acesso à leitura	18
2.1.2 O Ato da Leitura	19
2.1.3 A Escola e o Processo da Leitura	21
2.1.4 A Formação do Leitor Crítico	23
2.2 Literatura	25
2.2.1 Leitura Literária	28
2.2.2 Mediação da leitura literária	30
2.2.3 Construção Formativa	32
2.2.4 Gêneros literários	34
2.3 Biblioteca	35
2.3.1 As Políticas Públicas	38
2.3.2 Relação Professores/Bibliotecários	40
3 MATERIAL E MÉTODOS	43
3.1 Abordagem da pesquisa	43
3.2 Caracterização da escola campo de pesquisa	43
3.3 Sujeitos da pesquisa	44
3.4 Instrumentos da pesquisa	44
3.5 Método da pesquisa	45
3.6 Procedimentos de coleta e interpretação dos dados	45
4 RESULTADOS E DISCURSSÃO	46
4.1 Análise do questionário destinado aos alunos	46
4.2 Análise do questionário- professor	52
4.3 Análise do questionário- bibliotecário	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	63
ANEXO A – APLICAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO	64

1 INTRODUÇÃO

O ensino de literatura é um questionamento constante no cenário educacional, principalmente pela forma que é conduzido e produzido esse ensino nas escolas. Essas discussões sempre são realizadas diante ao nível baixíssimo da capacidade leitora da sociedade atual, principalmente dos alunos do ensino médio. Tornando-se necessário ações e estratégias que facilitem esse ensino, visando resultados concretos.

Nesse sentido, o ensino de literatura é, um dos temas mais discutidos nas atividades desenvolvidas no ensino médio, principalmente pelos professores, que frequentemente abordam um grande problema enfrentado em sala de aula, de desinteresse dos alunos pela literatura. Vários são os obstáculos enfrentados para a literatura chegar às mãos dos leitores e muito mais para serem acolhidos por eles, se intensificando assim essa problemática no ensino médio com a rejeição dos textos literários.

Quanto as propostas e discursões diante a essa problemática, surgem questionamentos de como reverter esse quadro de ensino de literatura. Por que o ensino de literatura do ensino médio não conseguir atingir seus objetivos? Por que não se utiliza o espaço da biblioteca? Quais são os problemas relatados pelos alunos para não gostarem de ler? Mas, o maior questionamento é como o professor pode trabalhar a literatura dentro e fora da sala de aula na perspectiva de formação de leitores críticos?

Constatados tais problemas nota-se que não é tarefa fácil o ensino de literatura, principalmente pela realidade encontrada na educação brasileira, de descaso e desuso de políticas públicas, estruturas físicas e econômicas das escolas, formação dos docentes e na maioria das vezes de sua atuação desvinculada a leitura, famílias desestruturadas, relevante também à deficiência ou inexistência de bibliotecas escolares.

Em vista do exposto, o presente estudo aborda o tema “A utilização da biblioteca escolar no ensino de literatura: uma pesquisa com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Centro de Ensino Padre Anchieta em Presidente Dutra – MA”, na perspectiva de refletir sobre o ensino de literatura na formação do leitor crítico através do espaço da biblioteca escolar.

Para alcançar os objetivos almejados no referencial teórico, utilizou-se *a priori* a pesquisa bibliográfica tendo como aportes teóricos KLEIMAN, 2002; COSSON, 2014; FREIRE, 2008; JUNQUEIRA, 2009, dentre outros autores. Por fim realizou-se uma pesquisa de campo na escola Centro de Ensino Padre Anchieta, localizado na cidade de Presidente Dutra, no estado do Maranhão.

As interpretações dos resultados da pesquisa serão qualitativos e quantitativos, e buscou-se através de questionários aplicados para os alunos do 2º ano do ensino médio, professora da disciplina, responsável pela biblioteca e de observações das aulas, refletir o ensino de literatura ofertado na escola pública, juntamente com as ações realizadas na biblioteca escolar.

Foram utilizados quatro instrumentos na pesquisa, a observação das aulas de literatura, questionário aplicados com os alunos, questionário dirigido a professora de literatura e um questionário aplicado com a responsável pela biblioteca escolar da escola campo.

Os resultados parciais da pesquisa apontam urgência em uma avaliação do ensino de literatura ofertado nas escolas e principalmente no papel do professor como mediador dessas leituras, onde as devem contemplar através do trabalho em sala de aula e em conjunto com o bibliotecário no espaço da biblioteca, de forma geral devem-se avaliar todos os agentes responsáveis pela formação do leitor.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Leitura

Discutir a leitura tem sido um dos mais almejados assuntos na nossa sociedade, buscando entendê-la, como processo essencial e indispensável para formação intelectual e social dos indivíduos. Por sua importância se torna um dos assuntos difíceis de discutir e entender, pois traz consigo várias facetas, e pondo-se a retomada do seu conceito, importância, e meios de execução inicial desse processo.

É sabido pela história da leitura que nem sempre foi possível ter acesso, na Idade Média por exemplo, os que tinha algum tipo de conhecimento, eram pessoas ligadas diretamente à igreja, tudo era difícil, acesso, entendimento, pois os livros eram manuscritos produzidos em latim. Com o decorrer da história esse cenário teve novas perspectivas onde a evolução foi extraordinária e necessária do ponto de vista ético e político.

Sobre essa exclusão do acesso a leitura no passado, que se estende até os dias de hoje afirma Rojo (2009):

Temos pelo menos metade da população ainda muito longe da realidade de uma escolaridade de longa duração, que possa ser tomada como uma experiência significativa e rica, ao invés de um percurso de fracasso e de exclusão (ROJO, 2009, p. 23).

Se tornando questionável também, uma sociedade que ao ponto que evoluiu, cresceu e se desenvolve a cada dia em vários aspectos sociais e principalmente nos meios de informação, onde tudo acontece hoje e agora em um simples “clique”, retrocedi e exclui metade da sua população, ao acesso e ao uso da leitura, se fazendo necessário estudo e luta de igualdade de acesso à leitura e possibilidades agregadas a ela.

Pensar e entender a leitura retomando ao seu conceito histórico é norteia-se do ponto de partida que ler é um ato de apreender um conteúdo ou um texto escrito, decifrar os signos linguísticos, enumerar as letras, entender algo já pronto. Gomes & Souza (2010, p. 3) colocam o texto no ponto de vista de “um conjunto de palavras escritas sem muita significação ou um depósito de mensagens e

informações a serem reproduzidas” porem pressupõe esse entendimento como vazio ou necessariamente empobrecimento do ato da leitura. Para tal afirmação, parte-se da ideia que a leitura é muito mais que decodificar signos escritos Kleimam (1989) corrobora com a premissa afirmando que:

[...] leitura implica uma atividade de procura pelo leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes á compreensão de um texto, que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar (KLEIMAM, 1989, p.27).

Esse empobrecimento de conceito pode estar associado a outro, onde ler é meramente acadêmico ou ação de divertimento ou que só a escola é responsável por esse processo de ensino, desmistificar esses conceitos é necessário e urgente, trabalhando a leitura mais profundamente, conseguiremos sanar as lacunas existentes no âmbito escolar e social na formação do leitor. Para Oliveira e Queiroz (2009),

[...] entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2).

Começar esse refazer da leitura, pressupõem não retirar a função da escola e nem tão pouco deixar somente para escola a responsabilidade de ensinar leitura, porem sabe-se que a escola tem o papel de organização do ensino, incentivadora da leitura e responsável por subsidiar práticas e métodos pedagógicos facilitadores e atraentes nesse processo. Kleimam (1999, p.91) afirma que:

A principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações entre os vários nos da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos. Somente quando elaboramos relações significativas entre objetos fatos e conceitos podemos dizer que aprendemos... (KLEIMAM, 1999, p.91)

A partir desse pressuposto, entende-se que o lugar privilegiado para a formação crítica dos alunos ainda é a escola, a mesma tendo como função principal ajudar a desenvolver suas capacidades e habilidades necessárias para conviver na sociedade.

Como corrobora Cosson (2010, p. 33): “a leitura é sempre vista de maneira positiva e sua ausência de maneira negativa”. Como se percebe nos dias atuais da nossa sociedade, há uma grande dificuldade em desenvolver habilidades de leituras nos alunos, sobressaindo a ausência e déficit de leituras nas escolas.

Em meio a tantas discursões sobre a leitura acaba-se perdendo o sentido da leitura como formadora do pensamento crítico, onde leitores carregados de uma bagagem pessoal e entendimento de mundo conseguem utilizar de textos oferecidos na leitura para construção do seu conhecimento.

Como afirmar Freire (1989): “[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (FREIRE, 1989, p.9).

A leitura se faz necessariamente importante para formação desse leitor crítico, dada através de leituras de diversos textos, autores e obras, cedendo espaço também para leituras não tão somente de textos escritos como também de imagens, símbolos, proporcionando ao leitor a sua posição e seu conhecimento prévio dessa leitura.

A partir de contatos com essas diversas possibilidades da leitura o leitor consegue ampliar sua forma de ver e viver o mundo, através do prazer e da imaginação advinda dessas leituras como corrobora a autora Yunes: “Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida.” (YUNES, Eliana, 1995, p.188).

A escola como formadora do leitor crítico, deve acompanhar e distinguir quando o leitor é capaz de decifrar os códigos linguísticos, e quando além de decifrar esse signos ele conseguir dar sentido a eles, pois no ensino médio as leituras exigem dos alunos e professores habilidades além da decodificação para compreende-las.

Solé (1998, p. 52), afirma “ter não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar”, conseguir entender e compreender, essa decodificação se refere aos signos linguísticos, que são importantes, e ao ponto que essa leitura vai sendo internalizada, ela possibilita o leitor devolver ao mundo as relações estabelecida do texto com o contexto que o mesmo está inserido.

Como dito, a leitura é parte fundamental na vida da sociedade, e para efetivação desse ensino, diversas são as demandas e necessidades envolvidas,

diferentes tipos de leituras, relação com o livro, mediação, ensino de literatura, políticas públicas, uso de bibliotecas, dentre outros.

2.1.1 Políticas Públicas e o acesso à leitura

Quando mencionado sobre as ações de políticas públicas na educação, estamos necessariamente ligando o acesso ao livro e a própria leitura. Essa política de acesso foi criada no Brasil no ano de 2006, o (PNLL) Plano Nacional do Livro e Leitura, na principal perspectiva de abraçar a população de baixa renda. Na educação Brasileira, muitos são os programas e ações existentes, criados a partir de políticas públicas, como: Programa Brasil Alfabetizado, Educação para Jovens e Adultos (EJA), Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), Programa Universidade Para Todos (PROUNI), Programa Do Livro Didático (PNLD), dentre outros (BRASIL, 2005)

Muito se tem lutado pela democratização desses acessos, livro e leitura, como também pelo espaço adequado de bibliotecas na circulação da leitura e literatura nas escolas, o engajamento de pessoas e instituições tem crescido desde 2006, como exemplo desses trabalhos em prol da democratização da leitura é recorrente no país a criação de bibliotecas comunitárias.

Porém quando voltamos esse olhar para as bibliotecas escolares o PNBE (Plano Nacional das Bibliotecas Escolares) percebe-se a grande falha nas políticas públicas, responsabilidades essas do governo juntamente com estados e municípios, não tirando o mérito de conquistas significativas como o livro didático, mas muito ainda precisamos para democratização desses acessos.

Os programas são os mais diversos, porém a acessibilidade a todos ainda é algo que resulta em muitas discursões, dentre todos os necessários para o ensino, somente o livro didático é encontrado com mais facilidade no seio escolar, tido como sagrado nas escolas o livro didático, é o proprietário de todo saber dentro das escolas, devendo ser analisando, pois o professor e o aluno devem ter voz e vez, não somente cumprir o cronograma de conteúdos estabelecidos nele.

Outra ação necessária das Políticas Públicas educativas é a biblioteca escolar, devendo ser usada como extensão da sala de aula. No livro didático existe conteúdos programados, no ensino médio onde o livro destinado ao ensino de língua portuguesa vem, por exemplo, escolas e autores literários, fazendo com que a

biblioteca escolar possa ser inserida como ferramenta pedagógica disponibilizando todo o acervo de livros dos autores citados no livro didático.

As Políticas Públicas criam ações e programas de acesso e garantia de educação a todos os cidadãos, que as tem por direito, porém devem ser avaliados. Um dos grandes avaliadores no Brasil é a pesquisa Retratos de leitura criada em 2001, que tem por objetivo avaliar o comportamento do leitor, apresentando os resultados, na perspectiva que aqueles que formulam as Políticas Públicas vejam e atentem para as suas responsabilidades na formação de um país leitor.

As políticas públicas existem, mas ainda devem ser questionadas e reformuladas, visto que existem programas, leitores, ações comunitárias, instituições, porém falta-lhe um pré-requisito, investimento humanitário, necessitamos desde o reconhecimento até as possibilidades dessas ações se concretizarem.

2.1.2 O Ato da Leitura

O ato de ler exige do leitor não somente decifrar o texto escrito como já abordado, mas compreender e analisar o texto e o contexto das leituras, através de habilidades necessárias para construção de significados dos textos, habilidades essas de responsabilidade da escola, como formadora de leitores. E esse ato de ler, foi com o passar dos tempos se perdendo, como processo individual, e exigindo da escola um acompanhamento com vários profissionais entre eles professores, bibliotecários, psicólogos, pedagogos, dando suporte a esse processo.

De acordo com Cosson (2004):

Dado o valor da leitura em nossa sociedade, não surpreende que ler tenha se constituído em vasto campo de saber que envolve desde o mapeamento de áreas do cérebro no momento físico da leitura até a condução de políticas públicas destinadas a promover o domínio da escrita, criando seções específicas em disciplinas tradicionais, tais com história da leitura e psicologia da leitura, e incorporando diversas abordagens, a exemplo do funcionalismo, da fenomenologia e do sócio-interacionismo, originadas nos campos da linguística, da filosofia e da educação. (COSSON, p.34)

A grande dificuldade encontrada pela escola se dá de imediato pela conceituação da leitura, da qual se apresenta mais diversas, por seguinte o

questionamento muito encontrado na escola de quais textos usarem e com quais leitores, se utilizar leituras na sala de aula e como utiliza-la nas aulas de português.

Diante desse processo da leitura Leffa (1996, p.17-18) aborda a necessidade da escola como identificadora e executadora do processo da leitura, onde é preciso saber lidar com diferentes leitores, pois a leitura, exige desde “habilidades de baixo nível, até estratégias de alto nível”, se fazendo necessário um equilíbrio dentro desse processo, de acordo com o leitor e o processo pelo qual ele está vivenciando na sua construção enquanto leitor.

Em uma sociedade que se utiliza constantemente do ato de ler corrobora Cosson (2004, p. 35): “ler é produzir sentidos por meio de um diálogo.”, seja através de revistas, jornais, no trabalho, no lazer, devendo haver essa aceitação do meio externo dentro da escola pois é de grande valência, como nos coloca Freire (1988) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, não há como ensinar ou praticar a leitura sem entender o mundo que cerca o leitor.

A relação educador e educando nesse ato de ler é imprescindível para que aconteça de verdade o uso da leitura não somente a leitura em si, pois é através dessas leituras que o processo de aprendizagem acontece, o ato da leitura possibilita agilidade, reflexões sobre si e sobre os outros, enriquecemos nosso vocabulário, usamos o raciocínio, aprendemos através das trocas de experiências, possibilita um novo mundo.

Um detalhe muito importante nesse processo da leitura, é que ninguém nasce sabendo e gostando de ler, essa relação estabelecida na escola do aluno com os textos através do professor é de total importância na influência que os adultos têm sobre a aprendizagem desse leitor.

Como corrobora Cosson (2004):

Não lemos o que queremos, mas o que nos é dado ler, Não lemos como queremos, mas como nos é permitido ler. Não lemos sozinhos ou por nossa própria conta, mas sim dentro das possibilidades que nos são oferecidas pelo contexto. (COSSON 2004, p.38)

Essa influência deve ultrapassar as paredes da escola e ter consistência também no seio familiar e na sociedade, a referência do adulto lendo ou interagindo com a leitura, fortalece o vínculo desse aluno com a leitura. Como coloca Bamberger (1987, p. 92), o interesse pela leitura deve ser proporcionado de início em casa,

reforçado e internalizado na escola e expandido mundo a fora. E essas influências do mundo externo para com a escola, tem grande valia no incentivo desses leitores.

2.1.3 A Escola e o Processo da Leitura

Com o exposto até o presente, entende-se que o indivíduo está em constante contato com a leitura, mas quando inserido no ambiente escolar essa efetivação de se expandir e alcançar um nível maior de sistematização e organização dessas leituras é reduzida. A escola quando conta com influência de meios externos (família e sociedade) no ensino de leitura dos alunos, ainda tem papel principal de incentivar, estimular e proporcionar ao aluno o contato com as leituras necessárias no seu processo durante sua formação acadêmica e não somente nela, mais também da sua atuação na sociedade.

Quando refletimos sobre o papel da escola na formação do leitor, paramos para pensar diante dos índices tão baixos os quais o Brasil possuiu. Com isso na leitura desperta-nos questionamentos de como a escola está inserida e trabalhando essas leituras nos afirmando Cosson (2004, p.45)) que “a escola é o lugar da aprendizagem sistemática e sistematizada da leitura e de outros saberes e competências”.

A escola deve repensar sua forma de ensino, as leituras disponíveis e solicitadas e principalmente a reformulação do PPP, o “famoso” projeto político pedagógico, o qual é e utilizado de forma errônea, escolas dividem o mesmo projeto em escolas diferentes (emprestando de escola para escola) com necessidades diferentes, com realidades diferentes e salienta Gadotti (2000, p. 34) sobre a reivindicação da qual as escolas necessitam é de um projeto político pedagógico próprio para cada escola.

Outro aparato de ensino de leitura na escola defasado é a literatura, que infelizmente na realidade de muitas escolas brasileiras não existe nas series iniciais e quando aparece é no ensino médio e para serem utilizado de maneira errada, apenas uso de fragmentos para ensinar a gramática.

A realidade da prática leitora nas salas de aula principalmente das escolas públicas, é motivo de reflexão e necessita mudanças, pois as dificuldades apresentadas por esses alunos para entenderem ou simplesmente lerem leituras de

diferentes textos (literários ou não literários), é alvo de preocupação, pois não gostarem ou acharem difícil as leituras literárias não é motivo para não realizá-las.

Ao mesmo tempo retomamos sobre a leitura como processo não somente individual, mas social, nesse descaso da educação e do sistema educacional brasileiro, pauta-se a culpa tão somente no professor, sabendo que a função de incentivo à leitura é também questão de políticas públicas.

Vale ressaltar que a formação de um leitor crítico passa por métodos e estratégias usadas pelo professor em sala de aula, o professor em seguida necessita de uma formação acadêmica e continuada de leitura, acompanhada de políticas públicas como acesso a livros de literatura, bibliotecas acessíveis, laboratório de informática dentro outros.

Dentre todas essas políticas a essencial é o contato com o livro, necessário resgatar o seu sentido na formação do leitor, na era do digital, sem aqui se fazer desnecessário ou pouco caso da tecnologia, é necessário entender a função do livro no processo de aproximação do leitor com a obra/autor. Porém esse contato com o livro vai muito além do livro didático, quando retoma-se ao que falamos anteriormente sobre o uso da literatura como meio de ensino e estímulo a leitura, vale ressaltar também aqui sobre o uso dessas leituras literárias em sala de aula, exigindo das políticas públicas ações incentivadoras nesse eixo.

A biblioteca também é uma grande aliada na busca por essa nova forma de ensino que busca mudanças no acesso e no uso de leitura dentro e fora da escola, ainda a tempo de reformular esse ensino/aprendizagem, necessitando-se *a priori* de uma sociedade viva e participativa, e o ponto de partida é a leitura, Silva (1995) ressalta:

[...] acreditamos numa escola que possa formar cidadãos críticos, capazes de utilizar criticamente o conhecimento construído na escola para analisar o real e, diante dele, fazerem as suas opções profissionais, culturais e políticas, de forma consciente, livre e autônoma. (SILVA, 1995, p.18-19)

Enfim, a escola como instituição de grande nível intelectual que o cerca, é por excelência responsável na formação crítica desse alunado, sedento de conhecimento, que através de professores capacitados, família presente e Políticas Públicas voltadas ao incentivo à leitura, transformaram a vida de muitos brasileiros.

2.1.4 A Formação do Leitor Crítico

Referir-se ao leitor crítico, é saber da sua capacidade de domínio de leitura e escrita, do profundo entendimento que conseguir extrair do texto, da compreensão estabelecida por ele do que ler, e da relação que faz com o mundo a sua volta, capacidades estas não tão fáceis de conseguir.

Neste sentido, Solé (1998, p.76) afirma que: “O bom ensino não é apenas o que se situa um pouco acima do nível atual do aluno, mas o que garante a interiorização do que foi ensinado e seu uso autônomo por parte daquele”. A autora coloca, sobre o processo autônomo de leitura, necessário ser criado nesse alunado, sabendo lidar com a retirada progressiva da ajuda de pais e professores, sem que o aluno note e consiga ser autor do seu próprio processo ensino/aprendizagem, dada através da interiorização da leitura.

Nota-se na vivência escolar a grande dificuldade de se proporcionar leitura formativa, dada com grande ênfase pelo distanciamento criado de teoria e prática, alunos que só almejam títulos e certificados, professores cumprir horário e direção ter uma escola renomada com várias aprovações no Enem. Trabalhar leitura crítica com o viés de formação de cidadãos competentes e autônomos se dá pela teoria conciliada a prática, a leitura estudada profundamente é ir além de sala de aula.

Na perspectiva de Freire (1989), em uma das suas mais famosas afirmações, ele ressalta a importância de entender e aceitar o conhecimento de mundo e as implicações do contexto de cada leitor, pois desde os tempos mais remotos, sabemos que a leitura da palavra, antecede a palavra escrita:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.9).

Entende-se que conteúdos contemplam essa formação crítica, que papel tem a escola nessa formação, qual o comprometimento dos nossos educadores, qual é a teoria da leitura em sala de aula com a prática do mundo que o cerca, qual bagagem esse aluno possui, são estratégias de reconhecimento inicial na formação de alunos críticos.

Vários são os métodos, regras ou fórmulas pré-estabelecidas na escola e pela sociedade, na tentativa de formação de alunos críticos e ativos a partir das leituras realizadas dentro e fora da escola, sem nenhum vínculo humanitário ou afetivo. Porém muitas vezes ou pelo índice de leitura encontrada no país, fraquejamos enquanto escola/sociedade na formação desse leitor.

Relevante também não usar a leitura apenas para ensino de gramática ou para preparativos de vestibulares, seja um ponto importante nesse processo, cabível a escola esse entendimento. Sem tirar a grande responsabilidade da gramática como instrumento para aprovação de vestibulares, mas colocamos aqui como veículo de circulação de informações importantes na formação crítica da sociedade.

Precisamos compreender que moldar um leitor crítico ultrapassar os moldes de concepção adotados em muitas escolas brasileiras, entender essa formação como, formar cidadãos conscientes de seus potenciais e ideais na luta por uma sociedade melhor, seja, o primeiro passo para efetivação dessa formação.

Os índices de leitura são assombrosos, como mostrou o Inaf 2018, onde 32% dos alunos do ensino médio possuem analfabetismo, sendo agravante também no nível superior com 25%, sendo que a escolaridade no Brasil cresceu porém o alfabetismo não, sendo colocado também pelo Inaf que o hábito de leitura está ligado diretamente a esses índices baixos.

Vários são os questionamentos no país do nível baixíssimo de leitura, e a diretora do Instituto Pró-livro-IPL, Failla (2008) comentou sobre os dados apresentados pelo Indicador de Alfabetismo Funcional-INAf:

Não estamos conseguindo formar leitores críticos e preparados para ter as competências que a vida social ou profissional exigem. Precisamos investir mais na formação dos professores, ter um olhar diferenciado para as bibliotecas, integrando-as aos currículos das escolas e, ao mesmo tempo, envolver as famílias para que despertem o hábito nas crianças.

A formação do leitor crítico através da influência de pais, professores, escola e bibliotecas, consiste na quebra de barreiras de acesso a leituras prazerosas, atrativas, descoberta do novo, enfim, são estratégias e possibilidades que grande parte dos alunos só tem dentro da escola, perceptível assim o grande poder do professor na formação, no incentivo e principalmente no exemplo, pois estes profissionais ultrapassaram o lugar dos pais nessa nova sociedade.

2.2 Literatura

A literatura é responsável pelos avanços e mudanças de um ser e de todo um corpo social, pois é por meio desta que expõe-se sentimentos e expressões contextualizadas através do que lemos e interpretamos, como também com o olhar do outro, é no recuperar experiências leitoras, como histórias contadas pelos avós, novelas, filmes, música, livros, que a literatura se renova e a cada dia se tornar pilar de interações e convívios da humanidade.

Quando relatado anteriormente da importância da literatura na construção e na vivência do ser humano, como também de possibilitar esse acesso a todos os indivíduos, nos situamos na literatura como arte privilegiadora desse processo.

Sua definição se torna tão difícil quanto o de leitura, como coloca Zilberman (1985, p.19) a literatura “avulta como o modelo por excelência da leitura”, por que se entende que literatura é, desde propagandas, imagens, cartazes, bulas, receitas, até textos mais complexos como de autores, portanto dizemos que literatura é tudo que se pode ler, conseguindo oscilar do entretenimento, valorização do cultural e artístico e ao conhecimento como nos coloca Candido (1995):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO 1995, p.242)

Segundo o dicionário Mini Aurélio 2000 outra definição possível de literatura, seria:

Substantivo feminino

1. LITERATURA Uso estético da linguagem escrita; arte literária.

"tendências da l."

2. LITERATURA Conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pertencentes a um país, época, gênero etc. (BUARQUE 2000, p.429)

É nesse cunho que a literatura nos importa aqui, como coloca Aurélio e Candido, colocando a relação da palavra escrita, com o fenômeno artístico, que homens e mulheres produziram e produzem através da poesia e da prosa, uso estético da escrita. O uso desse ensino é encontrado dentro das escolas por excelência na disciplina de literatura, através de textos de escritores, que

representam através da língua escrita o mundo, conflitos, ambientes, épocas e histórias diferentes da humanidade.

Corroborando com o apresentado, Cândido (1995) quando aborda a literatura como “manifestação universal”, nos fazendo entender que através da literatura, conhecemos e entendemos por exemplo o mundo de outros países através da escrita dos escritores da terra, como Odisseia de Homero, a Divina Comedia de Dante, Romeu e Julieta de Shaspeare, Os Lusíadas de Camões, Dom Quixote de Cervantes, enfim inúmeros escritores nos possibilita interagir com seu povo, cultura e ambiente através do uso estético que fazem da escrita.

É utilizado também o uso da literatura para representatividade de um povo, de suas lutas, mazelas, belezas, fauna e flora, músicas e danças, como bem representam os escritores brasileiros, como Monteiro Lobato e seu extraordinário sitio do pica pau amarelo, que encanta crianças e adultos, a indagadora Clarice Lispector, Graciliano ramos com Vidas Secas, Conceição Evaristo com a literatura afro-brasileira, dentre outros.

Temos disponíveis inúmeros escritos universais e nacionais, que podem subsidiar o ensino de literatura através de signos linguísticos que facilitam o ato de leitura, como também a importância de suas manifestações culturais na construção do indivíduo humano, social e intelectual.

Essas leituras citadas referem-se aos “famosos” clássicos, e por mais errôneo que sejam o entendimento escolar e social dessas leituras, elas tem um grande papel na formação do indivíduo e principalmente do leitor. São leituras que mesmo entendidas como “velhas” permanecem vivas mesmo que antigas nas suas publicações, corroborando assim o autor Calvino (2010) quando diz que “os clássicos são livros que sempre pedem novas leituras, diante os novos encontros que são realizados com novos leitores, ou seja, nunca terminamos de lê-los” a cada nova leitura novas novidades, a literatura sempre oferece ao leitor leituras polissêmicas, nos afirma assim Bragatto filho(1995) “A literatura é produto de um trabalho estético com a linguagem que, ao representar a realidade, o faz assegurando o princípio da polissemia, isto é, a possibilidade do leitor extrair múltiplos sentidos.

Infelizmente não só errôneo é o entendimento da literatura que é apresentada de fragmentos no livro didático como coloca Zilberman (1991, p. 94) quando aborda “a utilização de leituras como obrigação dado pelos professores e

não como forma de prazer” como também o uso dos clássicos no ensino de regras gramaticais, e estudo para vestibulares, necessitando de uma nova reformulação nesse ensino, retomando a essas leituras no entendimento e na formação humana e intelectual da sociedade.

Vivenciamos como muitos falam uma verdadeira “crise” na leitura, muito se fala, se debate sobre sua importância, porém não se sai desse patamar, de palavras soltas, como evidencia Kramer:

Vivemos o paradoxo: muito se fala sobre leitura, muito se propõe, no entanto, os livros que continuam vendendo mais são os didáticos. A quantidade de textos e estímulos acentua a leitura interrompida. A leitura, que é sempre incompleta e inacabada, torna-se a leitura fragmentada. Lê-se pedaços de textos cada vez mais curtos, mensagens, trechos, resumos, informações (2000 p.28).

Não é fácil para alunos muito menos para os professores essa retomada e continuidade desse ensino e uso de textos literários, os desafios é tanto pro professor que não é leitor quanto pros alunos que devem ser incentivados por a maioria desses professores.

Quando retomamos ao conceito e as contribuições da literatura, temos que entender que as leituras desse tipo de ensino, deve ser feita de maneira profunda, não simplesmente uma simples leitura rasa e sem sentido, se utilizando das habilidades que aderem-se as essas leituras, como conceitualizá-la Moisés (2012):

A Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos: convicta de ser acionada por uma “missão”, ela colabora para o desvendamento daquilo que todos nós, conscientemente ou não, perseguimos durante a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar de relevo, como ficção expressa por meio de vocábulos polivalentes. (MOISÉS, 2012, p.28)

Retomamos as ações de políticas públicas na inserção de livros de literatura não somente o didático, bibliotecas acessíveis e adequadas, para chamar atenção desse leitor, como também reconhecer o papel do professor, que diante as grandes cargas horárias, plano de aulas excessivos, baixo salário, se torna inviável o hábito da leitura com uso de metodologias para esse ensino.

Essa dificuldade se intensifica no ensino médio, onde acontece a maior defasagem de alunos da escola, ou o hábito da leitura e da literatura depende em grande parte ou em total do próprio aluno, isso remetendo a questões tradicionais do país, não leitor, e falta do hábito de leitura no ensino infantil e fundamental.

Formar leitores literários não é uma tarefa fácil, metodologias e práticas trabalham a leitura por fases, idades, habilidades, hábitos, questões sociais e financeira, exigindo do leitor desde cedo sua prática com a leitura. Quando bem trabalhado as literaturas certas com os leitores certos, em cada fase, facilitamos o gosto pela leitura, tomemos, por exemplo: não se dá para conquistar uma criança com uma leitura de Odisseia, assim como também se torna sem sentido trabalhar com jovens leituras dos Irmãos Grimm.

Esse processo que percorremos com a leitura, vai facilitando cada vez mais, com a intensidade que realizamos mais leituras, a proficiência na leitura é marcante, como coloca Kleiman (2002) “a leitura se torna fácil e rápida, por que o leitor conhece com nitidez o léxico e a semântica do texto”.

É necessário respeitar o processo da leitura de cada leitor, porem quanto esse leitor trás o déficit muito grande nesse tipo de leitura, o que encontramos no ensino médio se torna muito difícil para o professor quanto muito difícil pro aluno, precisamos resgatar, reformular, incentivar e subsidiar o ensino de literatura no âmbito escolar.

2.2.1 Leitura Literária

A literatura tem um papel fundamental na vida do indivíduo, assim como também na leitura, e é através da leitura literária que esse papel se desenvolve, essas leituras possibilitam o deslocar de um estado usual, cotidiano para nos oferecer diferentes modos de ser e ver o mundo, através do olhar do outro, isso acontece quando nos apropriamos totalmente do texto.

Essas leituras literárias dentro da escola como reforçado anteriormente é equivocada, como Cosson (2011) diz “difícilmente se realiza a leitura de um texto integral” sendo utilizado somente para estudos de grandes vestibulares, onde alunos majoritariamente hediondos de escolas públicas são forçados pelo perfil das escolas a fazerem por obrigação, ou, por não terem o hábito da leitura por diversos motivos como já citados.

Diversos às vezes, alunos negam-se a não realizarem essas leituras, de certa maneira aceitável, pelo simples fato, que a leitura literária, perpassa pelo nível do prazer, do gostar de ler e ler esse tipo de leitura sem essa habilidade não obtém-se resultados.

Salienta-se aqui mais uma vez a porta de entrada dessas leituras, o livro, é ele o responsável de encantar os leitores, e a forma como se dá a apresentação desse instrumento, quando assim o tem disponível, ou, a indicação feita por professores que compartilham suas leituras com os alunos se tornam de total aprovação nesse contato aluno/leitura.

Porém só esses mecanismos não são a solução do espaço almejado de literatura e leituras literárias na escola, os livros não falam por si só, como também se espera muito mais que folhear livro, como nos diz Cosson (2001),

Os livros, como fatos, jamais falam por si mesmos. Quem os faz falar são mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola. Depois a leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporcionam. No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcionasse como tal, convém ser explorada de maneira adequada (COSSON, 2011, p.26-27).

Rojo (2000) faz uma colaboração significativa quando dialoga com os PCNs, e relata a importância dos professores e das escolas, frente a esses ensinamentos, a partir do momento que o professor consegue formar alunos preocupados não somente com leituras escolares, como também adentra a leituras como as literárias fora do ambiente escolar (muitas vezes não oferecidas na escola) sendo essas, que apresentam-se com o objetivo de atingirmos o ideal na formação desses leitores e também escritores.

Os PCNS insistem que a formação do leitor e escritor só será possível na medida em que o próprio professor se apresenta para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura e da escrita. O professor, além de ser aquele que ensina conteúdos, é alguém que transmite o valor que a língua tem demonstrado para si. Se o professor tem relação prazerosa com a leitura e a escrita certamente poderá funcionar com medidas para seus alunos (ROJO, 2000, p.66).

As leituras literárias são de fundamental importância no ensino-aprendizagem e no gosto e aperfeiçoamento da literatura, justamente por causa

desse aparato que essas leituras possibilitam, recorrente são as defesas que estudiosos como COSSON, KLEIMAN, ZILBERMAN fazem dessa prática na escola, como também fazem jus da necessidade de praticabilidade desde a pré-escola.

A leitura literária é essencialmente um instrumento capaz de formar um cidadão ativo e inerente na sociedade, possibilitando outras proficiências através dela, gerando questionamentos devido a negligência e exclusão por parte da escolas e dos professores, nas suas práticas pedagógicas.

2.2.2 Mediação da leitura literária

O professor na sua atuação enquanto facilitador do ensino tem uma árdua tarefa, em meio ao desolador cenário brasileiro, porem no campo da Língua Portuguesa e suas Literaturas essa missão se intensifica e mais complexa se torna, pois mediar é esta intimo da obra literária.

Primeiramente pelas falhas obtidas em cada fase percorrida pelo aluno, iniciando na fase de detenção da leitura, nas series iniciais, onde muitos não desenvolvem nem tem habilidades nenhuma, nem nessas disciplinas especificas como também criam um grande déficit, inerente da falta da leitura, pois a mesma percorre e é exigida em todas as outras disciplinas, mesmo assim passado adiante.

Uma grande perca, pois em cada fase, o aluno deve descobrir e se entender no mundo, como argumenta Zilberman (1994, p.22):

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando- o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 1994, p. 22)

No ensino fundamental encontramos alunos sem perfil leitor, sem habilidades nas quatro operações matemáticas e sem entender o meio que o cerca, mais preocupante ainda, não obtém o contato necessário com a literatura, boa parcela de alunos adentram e concluem esse nível sem esse contato, com a literatura infantil das series iniciais e sem a infanto-juvenil nessa fase.

O contato com textos literários possibilita fruição, lazer, conhecimento, devendo ser desenvolvido desde cedo nas crianças e jovens facilitando seu processo educacional como nos coloca Góes (2010):

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece. (GÓES 2010, p.47)

Chegamos, porém no nível médio, arrastando alunos a leituras somente do livro-didático, sem o mínimo conhecimento ou apenas prévio de autores e obras conhecidas, na maioria das vezes autores não Brasileiros, pois o interesse pela cultura local é a menor possível.

Assim como novos métodos inserimos na escola, a forma como ensinar necessitou de mudanças também, o professor do passado tido como detentor do saber e de todo conhecimento, se coloca como mediador, intermediário entre aluno/texto.

O autor Tébar (2011) salienta positivamente essa nova maneira de ensinar, o perfil de professor ditador, autoritário, individualista, para uma relação mais ativa, harmoniosa, e como coloca o autor, humanitária:

A mediação é um fator humanizador de transmissão cultural. O homem tem como fonte de mudança a cultura e os meios de informação. O mediador se interpõe entre os estímulos ou a informação exterior para interpretá-los e avaliá-los. Assim, o estímulo muda de significado, adquire um valor concreto e cria no indivíduo atitudes críticas e flexíveis. A explicação do mediador amplia o campo de compreensão de um dado ou de uma experiência, gera disposições novas no organismo e produz uma constante retroalimentação informativa (feedback). Trata-se de iluminar a partir de diferentes pontos um mesmo objeto do nosso olhar (TÉBAR, 2011, p. 77).

Aqui se encontra as maiores dificuldades dos professores/mediadores dessas leituras no ensino médio, falta de políticas públicas, habito de leitura, desestímulo familiar, e o principal e mais importante o desinteresse pessoal desse aluno, entrando em ênfase o papel do professor como incentivador, criador de possibilidades de leitura. Solé (1998, p.43) afirma o aluno depende do entusiasmo dada pelo professor na apresentação dessa mediação.

Os professores que negligenciam da função da literatura na formação leitora do aluno, é o mesmo que ainda não compreende o seu papel como mediador, provocador, estimulador e influenciador desse ato, como aborda Garcia (1992):

Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único, a saber, o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior (GARCIA, 1992, p. 37).

A mediação feita e subsidiada de maneira correta é um fator determinante na busca do processo perdido, que o alunado da atualidade apresenta, é através desse professor, engajado, humanitário, que começamos a trabalhar e mostrar para esse público que literatura não é só vidas e obras de autores que possibilitam a aprovação de um vestibular, nem somente ter boas notas e passar de ano, mas que a literatura te oferece leituras que são a chave do mundo e que nele devemos nos reconhecer.

2.2.3 Construção Formativa

Reconhecer a leitura literária como instrumento formativo de alunos e de toda uma sociedade, é proporcionar aos mesmos a ressignificação dessas leituras diante a suas experiências de vida, é transformar o caminho através do conhecimento, adquirido dessas leituras, é modificar enquanto condição humana, como coloca Bernardes (2005):

O contato com o texto literário constitui, para mais, uma possibilidade rara de viver, em alteridade, situações, valores e experiências que moldaram as comunidades humanas ao longo dos séculos, instituindo referências basilares de que nunca poderemos prescindir (Bernardes, 2005, p. 125).

Formar leitores através de leituras literárias, não é tarefa fácil, porem salvadora, nessa sociedade, que excluir sua população desse ato, que não dá suporte para o aluno nem ao professor, porém, a escola tem esse papel de formadora, de mediar essas competências.

A escola só conseguir internalizar as leituras literárias nesse alunado, quando consegue dar sentido aos leitores do que ele está lendo, como nos coloca o autor Solé (1988):

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. (SOLÉ, 1988, p. 18)

O autor nos ajuda a entender diante a todo esse estudo, que essas leituras fazem mais sentido, quando usada para essas finalidades de autonomia, criticidade, entretenimento, prazer, competência da leitura e da escrita, enfim, as práticas sociais se relacionam ativamente com essas leituras.

Muito se discute, estuda, analisa e se testa, mais o cenário Brasileiro continua em passos lentos, definindo sobre o desestímulo diário nas escolas, que vivem uma realidade distante da elaborada nos documentos, reacendendo diariamente a reflexão de onde se encontrar o erro, na escola, família, professores, alunos, e principalmente como evoluir apesar de tudo, até que se entenda e se utilize da importância dos textos literários como os coloca Faria (2004):

É polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas – histórias sociais, existenciais e éticas [...], eles também oferecem outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias. (FARIA, 2004, p. 12).

Uma das práticas mais atual para efetivação dessas leituras é o letramento literário, conceito novo na educação, mas que solicita da escola esse redirecionamento no ensino, esquecendo o uso de leituras apenas aleatórias, ou como coloca Cosson (2011) leituras resumidas e descuidadas do ensino médio, para realmente se apropriar da literatura enquanto sua linguagem, signos, contexto.

Dado como relevante também, não colocar somente o nível de fracasso a escola, pois a sociedade divide com a mesma o papel de formação e suporte para o desenvolvimento intelectual e humano desses indivíduos, assim como também a escola não formar leitores, somente na escola, mas para atuar na sociedade e como

diz Solé (1988) pra atuarem na vida, exigindo dos mesmos, maior diversificação em seus propósitos.

2.2.4 Gêneros literários

Um dos principais fatores linguísticos exigidos para entender literatura é saber distinguir a denotação e conotação, como também saber lidar com os gêneros literários enquanto estudo do conteúdo e da estrutura de um texto, analisando suas classificações semânticas, fonologias, contextuais.

Levando em consideração seu conteúdo e sua estrutura os gêneros literários se dividem em: Lírico, Épico e Dramático, essa nomenclatura é desde a Grécia, perdurando se até os dias atuais.

No gênero lírico conseguimos através da musicalidade marcante nessas produções aprendermos as rimas, ritmos, estrofes, versos e métrica, são conhecimentos repassados na escola, porem ficando só nesse nível, sem provocar o aluno através de textos escritos ou de outras formas, como música, poesias, a expressão de sentimentos, emoções presentes nesses gêneros, como o soneto, por exemplo, podendo ser trabalhado de várias formas em sala de aula (SOARES, 1989).

O gênero épico é a narrativa em versos, foi desse gênero que nasceu o gênero narrativo, apresentado na escola corriqueiramente o conceito e as funções dos narradores, negando ao aluno o contato com grandes histórias, fatos heroicos, histórias do passado, na perspectiva de reconhecimento do mundo e de si. Relevante colocar que o gênero narrativo não se dá através de versos, mas sim de prosa, como exemplos temos o romance, conto, novela, fabula abrangendo mais ainda o leque de possibilidades de práticas em sala de aula (SOARES, 1989).

Tem-se também o gênero dramático que se estrutura através de encenações, textos escritos que tomam forma e ganham ação como palavra que dá significado ao gênero, exigindo um público para assistir e de autores para representar, como exemplos temos a comedia, farsa e dentro outros, podendo ser realizado peças teatrais como prática em sala de aula (SOARES, 1989).

A educação no Brasil é um patamar sem equilíbrio e sem sentido ao que se estabelece princípio de ensino de literatura, quando disponível nas escolas na fase inicial é trabalhado como, por exemplo, fabulas lendas folclóricas, partido

muitas vezes do professor sem o subsídio do livro infantil tornando uma prática sem compreensão por parte da criança, durante a continuidade escolar o aluno vai se deparando com outras atividades desse cunho como o estudo dos gêneros literários para compreensão de conteúdos gramaticais e de escolas literárias.

2.3 Biblioteca

Após a discursão e reflexão feita anteriormente sobre leitura e literatura, surge um questionamento essencial, pois quando reconhecido o histórico de leitura do país, o ensino de literatura desvinculado do propósito educativo e formador, reconhecemos que algo deve ser realizado ou proposto como instrumento de reformulação do ensino de leitura e literatura nas escolas, na perspectiva de formação de leitores.

Para colaborar com essas reflexões, crê-se que a escola deve reavaliar e entender que espaço de leitura, não é somente entre as quatro paredes da sala de aula, pois existem espaços adequados ou deveriam existir, que são as bibliotecas, dentre outros espaços e práticas específicas para efetivação da leitura, porem trataremos a biblioteca como primordial nesse processo.

Segundo a etimologia da palavra as bibliotecas são “depósitos de livros”, porem devemos ir além desse conceito. Esses espaços físicos ou virtuais contemplados por armazenamentos e organização de informação, de variados tipos, livros, enciclopédias, DVD, Cd, revistas, jornais dentre outros, são instituições de distribuição e acesso à leitura.

Vários são os tipos de bibliotecas, suas atribuições se realizam conforme a instituição que pertencem e ao público que a utiliza. As bibliotecas são instituições bem antigas, como colabora Martins (2002) tão antigas que surgiram primeiro que o livro:

As bibliotecas são instituições antigas, mais antigas que o próprio livro. Desde a Antiguidade já existiam bibliotecas, mas até a Renascença estas eram tidas como sagradas, com acesso restrito aos monges e sacerdotes e se apresentavam imbuídas de uma aura de mistério. (MARTINS, 2002, p. 78).

Como coloca o autor, o uso da biblioteca antigamente era permitido somente a igreja, percebemos assim que os problemas enfrentados pela leitura no passado, seja, consequência desse atributo desde do início da biblioteca.

Dentre as bibliotecas no contexto escolar têm-se as bibliotecas públicas, particulares, e comunitárias. Nas bibliotecas públicas o acesso livre e o empréstimo de livros acontece gratuitamente, sendo definido pela a instituição, porem a manutenção e a promoção dessas bibliotecas é função do governo, nas particulares o acesso a informações são restritos a estudantes, pesquisadores de fundações e instituições privadas, temos as comunitárias também que são organizadas em moradias, bairros e sem nenhum apoio governamental.

Com efeito, aborda-se aqui a biblioteca escolar, sua importância, colaboradores e público específicos, sendo esta uma instituição gratuita subsidia por ações governamentais e organizada e mantida por estados, municípios e pela própria instituição escolar.

A biblioteca da escola é o espaço, por excelência, para o desenvolvimento de atividades de produção do conhecimento, que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem. Uma das mudanças mais significativas que o professor interessado em desenvolver esse tipo de atividade vai enfrentar é o trabalho em colaboração. O bibliotecário da escola pode ser um parceiro nesse processo por estar acostumado a ver a boa biblioteca como um espaço de construção do conhecimento (CAMPELLO, 2010, p. 26).

Ainda segundo Campello (2010), a relação da escola com a biblioteca, quando coloca o “enfrentamento” notamos isso pela forma que consideram essa relação, como se fossem duas instituições diferentes, porém não é assim que deve acontecer, a biblioteca é um espaço da escola, não dentro da escola.

Outra relação pertinente faz com que percebemos a separação de escola e biblioteca realizado dentro da própria escola, inexistência de relações afetivas de professor/bibliotecário, ambos trabalham isolados, sem perceber assim que estão ameaçando o processo de ensino aprendizagem.

Silva nos ajuda a entender essa relação quando aborda a forma que professor/bibliotecário se veem na sua função dentro da escola é que "aos olhos dos bibliotecários, a figura do professor assemelha-se muito à de um sujeito acostumado 'a passar a peteca para frente' [e] na mente dos professores a imagem do bibliotecário é urna mistura de almoxarife, escrevente e policial” (SILVA 1986, p.87).

Quando abordado a importância da leitura, e do aluno letrado, não apenas alfabetizado, temos a biblioteca escolar com papel fundamental nesse processo, assim como importante é formar leitores mais ainda é disponibilizar o acesso a essas leituras, no qual a biblioteca tem como função, através do seu diverso acervo e contato com o maior tradutor de conhecimento: os livros, porem o autor Buim (2009, p.160) afirma: “ A realidade brutal é a de que a escola, instituição culturalmente organizada para ensinar a ler, existe apenas um espaço reconhecido para isso a sala de aula”.

Mas, devemos converter esse quadro e entender que a escola tem a função de despertar no aluno a buscar por textos escritos, não somente o livro didático dentro de sala de aula, mas também livros, jornais e outros materiais do acervo da biblioteca, dada através de atividades proposta em sala de aula, na escola ou da própria biblioteca.

Para que a biblioteca passe a ser considerada mais que um simples entulho de livros, ela deve ser visitada, bem mais que isso, deve ser frequentada, para isso acontecer, devemos ultrapassar o conceito de biblioteca sendo lugar de silencio, não que percamos o limite da educação, podemos aqui ensinar as mesmas porque é exigido o silencio ao frequentar a biblioteca, mais pelo público que existem nesse ambiente o entendimento que temos é de um lugar vivo e energético.

Sendo responsabilidade da escola formar leitores Silva (2003, p.12) nos diz que “as bibliotecas escolares são responsáveis em proporcionar aos estudantes a base para a leitura”. Cabe principalmente ao professor e ao bibliotecário elaborar essas atividades dinamizadoras, na perspectiva de atrair esse aluno, tornando-se prazerosas e significativas sua ida a biblioteca, formando esse aluno em um leitor frequente e proficiente através do gosto pela leitura despertado na biblioteca.

Sendo necessário considerar a realidade diferente de aluno para aluno, muitos só tem o contato com a leitura no ambiente escolar, cabendo ao professor propor acesso aos livros através do planejamento de aulas que contemple textos literários, ou pesquisas acessíveis na biblioteca escolar.

Para que tudo ocorra na perspectiva de formação de leitores necessita-se mudar desde o conceito atribuído a biblioteca, os profissionais atuantes, atividades pedagógicas, relação harmoniosa entre professores e bibliotecários e como primordial as políticas públicas.

2.3.1 As Políticas Públicas

As políticas públicas de formação de leitores é um ato necessário e que deve ser efetivado com eficácia em todo o país, possibilitando aos órgãos responsáveis uma atuação séria e democrática de disponibilidade de acervos, que contribuam significativamente em projetos e programas de fomento a leitura.

No Brasil os órgãos governamentais são os grandes responsáveis pela distribuição individuais e coletivas de acervos e disseminação dos espaços físicos das bibliotecas escolares, responsabilidade está dada ao PNBE, PROLER, ou até mesmo os cantinhos de leitura, através do Ministério da Educação (MEC), assim como também comungam das falhas na educação por falta dessa política pública (BRASIL, 2005).

O Ministério da Educação (MEC) e às vezes o de cultura, juntam-se e elaboram essas políticas, executadas dentro da república, a qual mantem-se ligadas a estados, municípios e o Distrito Federal.

Execuções essas como a biblioteca escolar que só tiveram inícios na década de 80, e com um grande teor de restrições de escolas que seriam contempladas e tipos de leituras componentes no acervo. Como nos afirma Beremblum (2009, p.11) no ano de 1997 foi então criado o PNBE Programa Nacional da Biblioteca Escolar, substituindo assim antigos programas de incentivo a leitura.

A autora ainda salienta dizendo que de 1983 a 1999 atendiam as bibliotecas existentes por matrículas, sendo que em 2000 disponibilizou obras para formação do professor, mais ainda com restrições, pois eram somente professores de Ensino Fundamental (BEREMBLUM, 2009).

Em 2001 e 2003 houve reformas nesse mesmo programa onde surge a Literatura em Minha Casa e Palavra da Gente, onde alunos podiam levar materiais do acervo para casa e compartilhar com familiares as obras de representatividade literária em 2001 só foram contemplados alunos até 5ª série e em 2003 alunos de 8ª e EJA.

A autora Beremblum (2009) faz uma ressalta muito importante sobre esse novo modelo ao dizer que:

Ao obterem por uma ação dessa natureza, deixou-se, como consequência, de investir no acervo coletivo, debilitando a biblioteca como espaço próprio de organização e disponibilização de materiais diversificados- de obras de referência a periódicos; de livros de literatura a obras de ficção; de mapas a novas tecnologias- lugar em que se promove a sociabilidade, mas principalmente a democratização do conhecimento. (BEREMBLUM, 2009, p. 12)

É função da biblioteca universalizar o atendimento e a disseminação de obras a todo o público escola, porem como coloca a autora ouve uma fragilidade nesse espaço e consequentemente a toda comunidade escolar, pois o investimento nesse espaço foi diminuído no intuito de investir no individual.

PNBE (ensino médio)

A implementação desses programas ou projetos visa ERRADICAR, ou ao menos amenizar o quadro de leitura do país, através de organizações e projetos na educação, como colocado no documento oficial da constituição de 1988 a educação é um direito que deve ser assegurados a todos, sendo tratados na LDB, na constituição encontramos quê:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Porem como colocado, as falhas no sistema educacional, é preocupante, diante a pesquisas e relatos de escolas em gerais, pois notamos o fracasso nessas politicas publicas evidenciado anualmente em avaliações e pesquisas, como também diariamente nas escolas, colocamos ainda em frente a essas avaliações os poucos leitores existentes e proficientes em leitura como ato heroico. O autor Maués (2002) nos diz:

Muitas vezes esse é um leitor quase que heroico, que consegue, de alguma forma – em igrejas, por empréstimos de amigos, por meio da escola ou das poucas e precárias bibliotecas existentes –, superar os obstáculos que lhe são impostos e chegar até o livro, contra quase todas as probabilidades. (MAUÉS, 2002, p. 70).

Diante a tantas contrariedades que levam o distanciamento desse aluno da leitura, se torna ato “heroico”, como coloca o autor, esses alunos conseguirem a

proficiência da leitura e a valorização do livro na sua formação, ou simplesmente saberem ler os códigos linguísticos.

E o PNBE, como exemplo tem essa função de disponibilizar nas escolas acervos que contemplem a formação desse leitor, muitos estudiosos questionam e criticam esse programa, devido à falta de comprometimento com a formação dos leitores, inviabilizando o papel da escola de tornar acessível esse acervo e mediar essas leituras. Do ponto de vista o autor José (2007, p.30) enfatiza: a contribuição da escola na formação do leitor e do atributo da biblioteca escola nesse apoio:

Não consigo entender escolas sem livros para serem lidos pelo prazer e para serem pesquisados para o saber, sem jornais e revistas para situarem o leitor no mundo em que vive. Sem formação e informação não há cidadania. Não há desenvolvimento intelectual. Você pode medir o grau de interesse cultural de uma escola ou de uma cidade pela biblioteca escolar ou pública. Quem não se interessa pelos livros não se interessa por uma educação de qualidade. (JOSÉ 2007, p.30)

Porem em diversas escolas ainda é notório o descaso ou a inexistência de bibliotecas escolares, para cortes de gastos, monta-se Salas de Leituras, não que a mesma não tenha função positiva, mas aqui colocamos sobre o grande acervo que disponibiliza uma biblioteca, torna-se pequeno as salas de leitura na democratização e disponibilidades de leitura para toda uma comunidade escolar.

Quando existentes as bibliotecas escolares tem perfil de salas de aulas, pois apresentam-se com livros didáticos em grandes pilhas, paredes mal pintadas, sem iluminação, sem acompanhamentos de computadores, sem obras que chamem atenção do aluno e que tenham leituras de sua preferência, enfim são salas desestimulantes.

Não se conseguiu ainda padronizar e harmonizar essa relação escola/biblioteca como processos pedagógicos que visualizam a formação do aluno/leitor trabalhada conjuntamente, no próximo tópico que segue será abordado essa relação entre ambos profissionais, responsáveis por esta formação, assim como também inserir a família nesse processo, pois essa formação não está incumbida somente à escola, nem ao estado, mais também a família como nos coloca as autoras Graziella e Junqueira: “o ambiente familiar e social favorece o desenvolvimento de hábitos sólidos de leitura, (2009, p.42).

2.3.2 Relação Professores/Bibliotecários

Assim como se encontra com pouca frequência a existência de bibliotecas ativas e com eficiência, são os profissionais atuantes nesse espaço. Quando referido ao profissional, faz-se mensura aos bibliotecários, pois o que encontramos são os professores como atuantes nesse espaço, ou remanejados de outros cargos ou professores no fim de carreira.

Independente de qual profissional atua na biblioteca escolar, sejam bibliotecários, mediadores, professores atuante na biblioteca, deve-se fazer necessário uma relação ativa e comungada entre ambos os profissionais em prol de facilitar o ensino/aprendizagem das comunidades escolares. Como afirma a declaração do Manifesto da Unesco (1999, p.2):

Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os estudantes alcançam níveis mais elevados de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação (UNESCO (1999, p.2)

A escola como responsável por esse ensino, através de estratégias e ferramentas tem como desafio fazer escolhas e saber trabalhar com o que se tem disponível na sua escola. A biblioteca escolar é a ferramenta político-pedagógica responsável por aproximar essas relações na perspectiva de qualidade de ensino.

A relação entre profissionais educador/bibliotecário é bem diferente da relação docente/discente, pois na segunda temos o conceito de um que “ensina” outro “aprende”, já na primeira como corrobora Silva(1986) é uma verdadeira “briga de competências ou a transferência de responsabilidades, movida pela compartimentalização de tarefas e falta de diálogos”, constatado na realidade das comunidades escolares disputa de poder, não havendo união e interação da qual é necessária para efetivação de ensino .

A biblioteca escolar é o espaço onde todos trabalham e convivem juntos onde acontece os encontros, todo mundo “junto e misturado” em prol de alcançar objetivos, professores e bibliotecários devem trabalhar juntos não isolados, professores devem trabalhar com mais seriedade e compromisso na formação dessa comunidade leitora, assim como também os bibliotecários devem “enxergar-se” responsáveis na formação educativa e critica desse alunado, o desenvolvimento da competência leitora é responsabilidade mutua de todos os envolvidos e interessados pela leitura.

A biblioteca escolar só tem sentido em sua existência quando essa relação professores/bibliotecários acontece, notamos que nas bibliotecas existentes e até mesmo em projetos escolares esse trabalho em conjunto acontece no fomento a leitura, na busca de ampliarmos essa comunidade leitora, utilizando-se de recursos, formas e necessidades para incrementar e desenvolver ações educativas.

O campo de ligação entre ambos os profissionais citados é a prática da leitura e conseqüentemente a formação de leitores e a pesquisa, onde se utilizando desse aparato, a escola deve planejar métodos de envolvimento através do PPP que contribuam para realização dessas atividades.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Abordagem da pesquisa

Nesta monografia desenvolveu-se uma pesquisa em escola campo, na tentativa de obter resultados, a partir de dados bibliográficos sobre o tema pesquisado. Utilizou-se a pesquisa de campo através de coletas, observações e interpretações de dados de maneira fidedigna, assim como ocorre na realidade da escola campo.

A observação é um momento importante de análise metodológica e conhecimento do campo de estágio. O principal objetivo é entender a utilização da biblioteca escolar da escola campo no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de literatura. As interpretações dos dados tem como objetivo entender a metodologia usada pelo professor e pelo bibliotecário na perspectiva de atrair o aluno para esse espaço de conhecimento e cultura.

3.2 Caracterização da escola campo de pesquisa

A Escola Centro de Ensino Padre Anchieta-CEPA, compreende um dos ciclos da educação de Ensino Médio, do 1º ao 3º ano nos turnos matutino, vespertino e noturno, totalizando na escola a matriculas de 886 alunos divididos em 40 por sala. A escola está situada na Rua Castelo Branca, s/n, Bairro centro de Presidente Dutra – MA.

Os alunos da escola residem, em sua grande maioria, na Zona urbana, o quadro de funcionários da escola, atualmente possuem trinta e seis professores, onde trinta e quatro são efetivos e quatro são contratados, um diretor geral e outro auxiliar, possui uma secretária, sete auxiliares administrativos e três vigias, quatro zeladores terceirizados, uma merendeira e duas coordenadoras pedagógicas.

Sobre o espaço físico da escola, percebemos que é um prédio antigo, necessitando de algumas reformas e pinturas. Quanto à distribuição do espaço a escola está dividida em dois blocos: um bloco do lado direito e o outro do lado esquerdo. Situa-se na entrada do prédio seis salas e logo adiante quatro em cada bloco do 1º ao 3º ano, na primeira sala do primeiro bloco encontra-se a biblioteca e o setor administrativo (secretaria, coordenadoria e direção), sala dos professores, com

uma cantina centraliza no pátio. A área esportiva, destinada às aulas de educação física encontra-se na entrada da escola. As salas são pintadas em um tom branco com listas azuis e vermelho, tem piso cerâmico, janelas em madeira, são climatizadas, contendo quatro ventiladores de parede, um quadro branco, carteiras, uma cadeira e uma mesa para o professor.

Atualmente, fazem parte da estrutura da escola, uma Secretaria, dez Salas de aula (climatizadas), uma biblioteca com algumas irregularidades físicas mais em relação de acervo é cotada com uma das melhores da cidade, contendo duas mil setecentos e três obras, uma sala de AEE, um Almoxarifado, uma Cantina/Cozinha, uma Quadra de esportes descoberta, um Sanitário feminino, um Sanitário masculino, um Salão de vivência.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Em face a todo o espaço e integrantes da escola campo, trabalhou-se nessa monografia com os alunos do 2º ano do ensino médio do turno matutino, a turma era composta por quarenta alunos, porém somente trinta e quatro alunos responderam ao questionário. Do corpo docente participaram e responderam o questionário a professora responsável da turma e a bibliotecária da escola.

Os alunos que foram observados tinham em média entre quinze e dezoito anos, a professora trinta e sete anos sendo pós-graduada e a seis anos atua na área, a bibliotecária tem quarenta e sete anos possui pós-graduação trabalhou vinte e cinco anos com o ensino fundamental e está a seis anos como bibliotecária da escola.

3.4 Instrumentos da pesquisa

Para o desenvolvimento do estudo, foi utilizado uma pesquisa de cunho descritiva e quantitativa, através de aplicações de questionários, com obtenção de dados.

Em um primeiro contato, aconteceu uma visita a escola campo com a perspectiva de um contato direto com a direção, como assim se procedeu, através de uma declaração com a solicitação para a pesquisa de campo o mesmo aprovou.

Dando início a pesquisa, houve uma conversa com as professoras de língua materna do turno matutino, na qual uma aceitou participar, iniciamos através da observação de como se trabalhava as aulas de literatura naquele espaço e, principalmente como se utilizava o espaço da biblioteca escolar para esse ensino.

3.5 Método da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de questionários aplicado ao professor de língua portuguesa, ao bibliotecário e aos alunos.

3.6 Procedimentos de coleta e interpretação dos dados

Aborda-se aqui os procedimentos de coleta dos dados da pesquisa, adquiridos por meio da observação e com a aplicação de questionários. Devido a pesquisa se dividir em três público diferentes, analisou-se os dados por etapa. Primeiramente observou-se o perfil dos alunos, em seguida como a professora trabalha literatura com esses alunos diante do acervo da biblioteca e, por fim analisou-se as metodologias usadas na biblioteca para efetivação desse ensino.

Nos três meses foi observado os alunos e a professora de literatura, no período da pesquisa, a escola estava em reta final de uma gincana literária, acontecendo disputas dentro do mundo literário, perguntas, apresentações e jogos na tentativa de atrair e chamar a atenção desses alunos para o mundo da leitura, de uma forma lúdica e dinâmica.

Dentre todas as provas da gincana a última exigiu mais dos alunos, as equipes deviam coletar o maior número de livros possível, ganhava aquela que conseguisse mais. Ao finalizar a biblioteca ficou lotada de livros. Esses ainda estão passando por processos de seleção, pois o público alvo da escola é o ensino médio, logo, muitos dos livros infantis não fazem parte do acervo destinado a esse público.

Todos os livros infantis foram doados para escolas, professoras de reforço enfim para quem deseja utilizá-los de maneira significativa na construção de mais leitores na cidade. Após toda observação desses acontecimentos, observamos algumas apresentações solicitadas pela professora sobre as escolas literárias, onde muitos dos alunos usaram livros da biblioteca na suas apresentações.

4 RESULTADOS E DISCURSSÃO

4.1 Análise do questionário destinado aos alunos

Logo ao finalizar as apresentações foi aplicado o questionário destinado aos alunos, havia quarenta alunos na turma, porém somente trinta e quatro participaram. O gráfico 01, demonstra os resultados obtidos com a primeira indagação feita a eles:



Fonte: PEREIRA, 2019

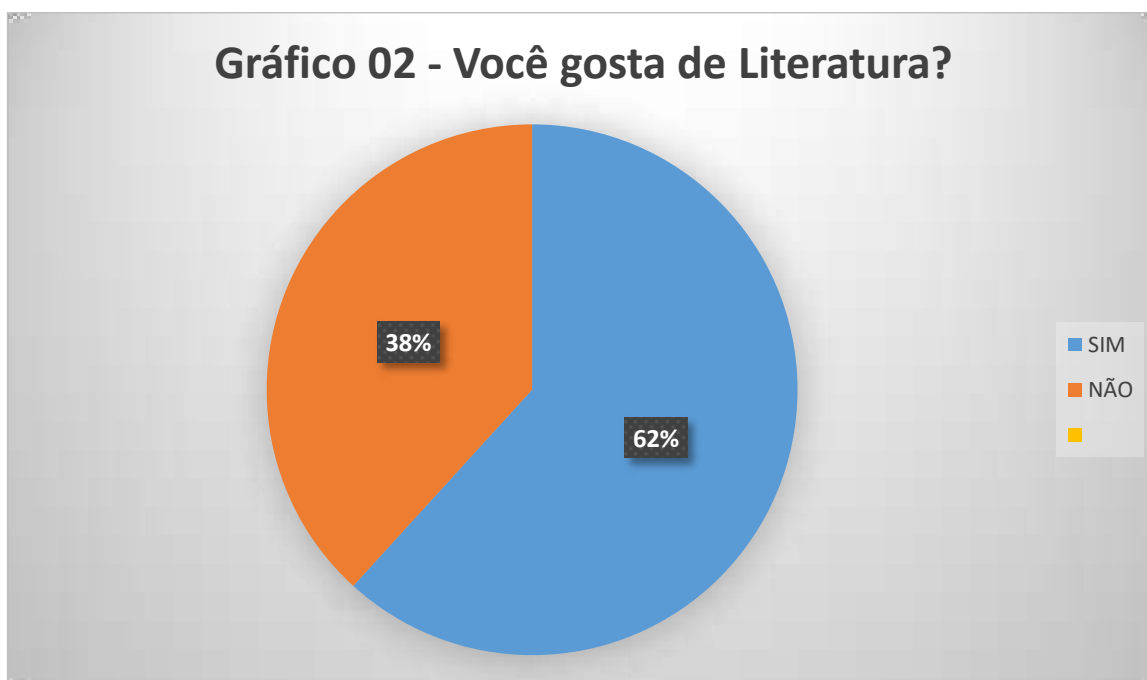
Percebe-se através das respostas dos alunos os traços que se manifestam do aluno leitor, esse prazer nas leituras acontecem através do gostar do aluno no desenvolvimento dessas leituras, em contrapartida notamos que esses dados não estão de acordo com a realidade encontrada na pesquisa. Precisamos identificar esses traços e observarmos se a leitura em sala de aula, bibliotecas ou outros lugares está alcançando esse nível de satisfação.

Dado o devido valor para leitura enxergamos a real necessidade de saber e entender a leitura como campo que abrange mais do que a decodificação ou história de obras e autores, como é trabalhada em muitas das escolas, como salienta Kleiman:

Cabe notar que a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco tem a ver com significado e sentido. (KLEIMAN, 1992:35)

Atualmente a escola tem que como responsabilidade formar leitores, proporcionando aos discentes vivências diferentes nas suas práticas leitoras, se

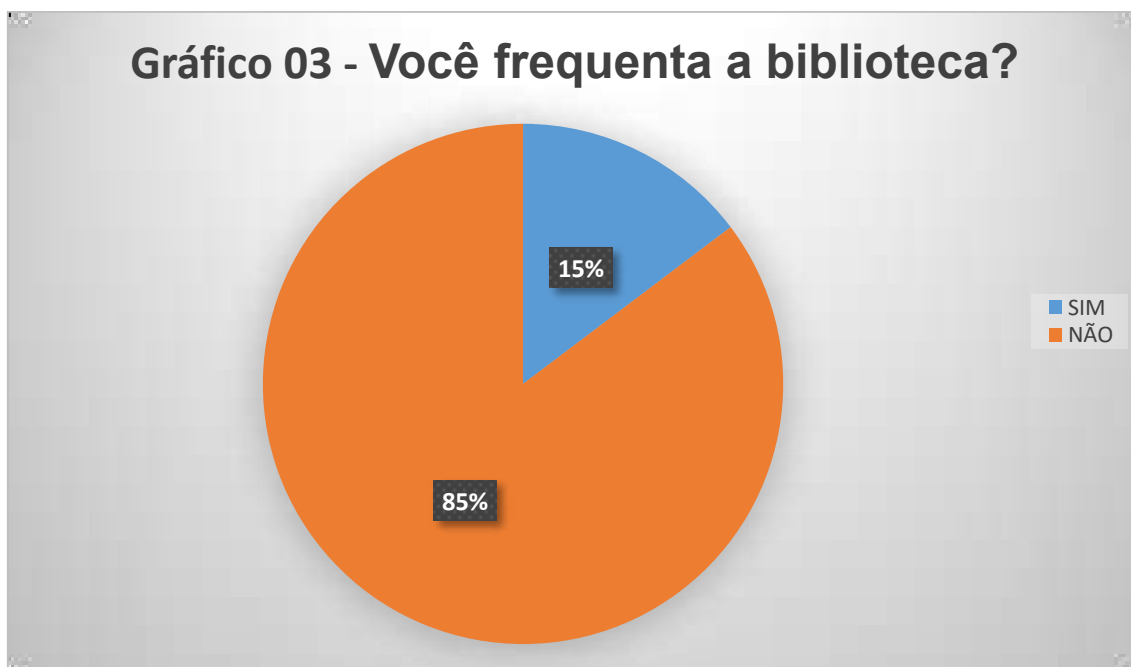
utilizando de diferentes gêneros literários na busca do senso crítico e liberdade de escolhas, como a autora coloca, não utilizar atividades mecânicas e obrigatórias.



Fonte: PEREIRA, 2019

Através dos dados coletados infere-se que o gosto pela literatura está em consonância com o prazer pela leitura, é o ensino de literatura que possibilita esse despertar pelo gosto da leitura, porém percebemos durante a observação que os alunos não gostam de ler nem pegam livros emprestados na biblioteca, gerando contrariedades.

Cabe formalmente a escola a responsabilidade da formação de leitores autônomos e críticos através do ensino de literatura, porém a leitura não é trabalhada nem valorizada na escola, não tão somente pelos alunos mais por grande parte dos professores. A leitura literária é uma prática de leitura excluída por muitas das escolas por não oferecerem ferramentas que desperte o aluno pro mundo da leitura, perdendo não somente o aluno com essa exclusão, mas toda a escola pois, a leitura literária extrair do leitor inquietação, reflexão e novos caminhos.



Fonte: PEREIRA, 2019

De acordo com as respostas dadas, um dos motivos encontrados na realidade da escola é a biblioteca escolar não funcionar os três horários somente a tarde, por não possuir também uma organização no seu interior, com computadores, mesas, carteiras, gerando um grande déficit escolar no ensino de literatura.

A biblioteca diante a seu histórico e sua função na sociedade não é vista como espaço de mediação de leituras, nem de aprendizagem, tornando-se um desafio para seus organizadores, na sua implementação e funcionalidade. O serviço humano é primordial e insubstituível na mediação de leituras nesse espaço, assim como em outros.

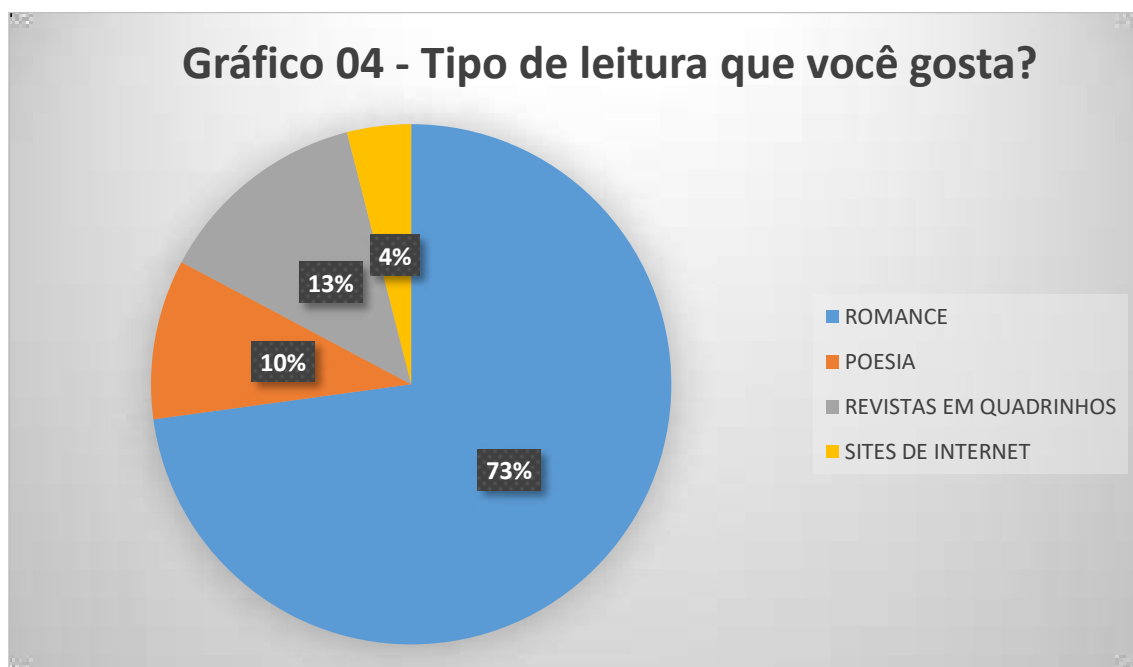
Os desafios encontrados para o desenvolvimento e atuação da biblioteca no país é conflitante o autor Buim (2009), corrobora com as negligencias afirmando:

No Brasil, as políticas públicas, destinam recursos para compra e distribuição de livros de literatura nas escolas, mas duas outras situações não são contempladas: nenhuma atenção é dada para os poucos educadores da biblioteca, nem para os espaços físicos da biblioteca, e a mais intensa ou menos intensa presença da literatura fica a mercê das decisões isoladas de docentes (BUIM, 2009, P.180)

O autor enfatiza com clareza sobre as negligencias encontradas em muitas escolas, espaço pequeno, sem computadores, mesas ou cadeiras, somente livros com o entendimento que o que necessita são somente eles, porém o grande

responsável por mediar as leituras, acompanhar a vivência dos leitores nesse ambiente, dando suporte técnico e humano são inexistentes.

O papel do mediador em bibliotecas, além de mediação de leituras também se dá através de mediação de cultura, exigindo do mediador comprometimento em projetos e ações que contemplem os usuários da biblioteca e a promoção do livro, pois é o maior bem cultural de um povo.



Fonte: PEREIRA, 2019

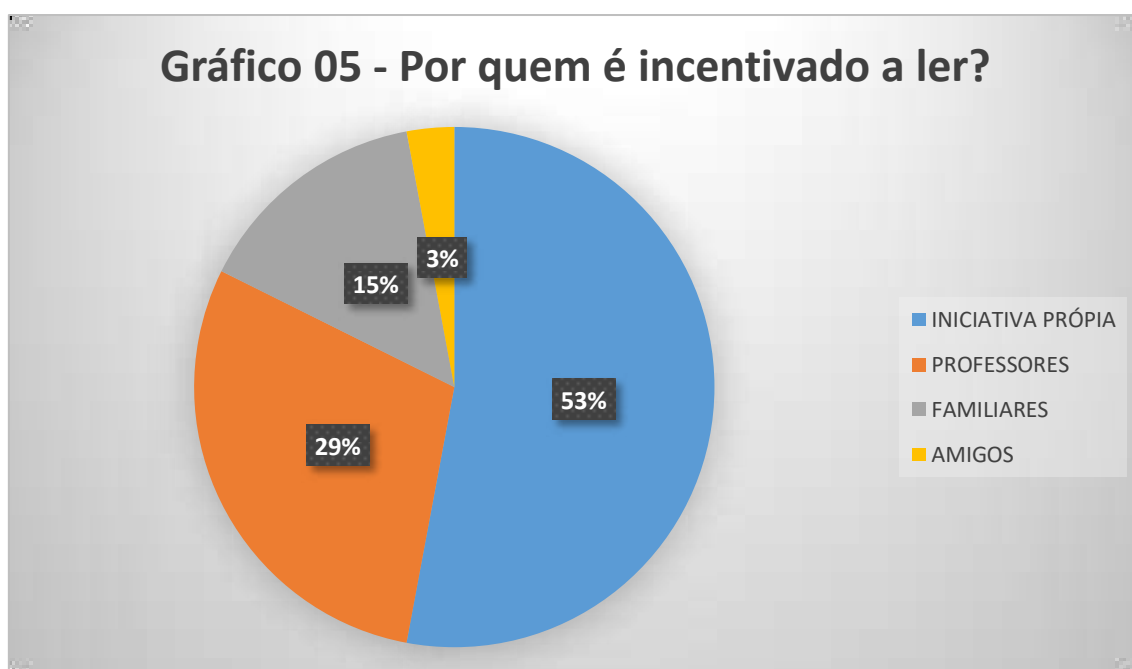
Quando foi abordado a temática de ensino de literatura, pode-se reconhecer o perfil desse aluno leitor através do estilo literário ou a preferência de leitura, esse traço do aluno de ensino médio possibilita ao professor a alternativa de diferentes abordagens de leitura e formas de trabalhar a literatura.

A autora Paulino (2010), nos coloca o perfil de um leitor literário como:

Um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus afazeres e prazeres. Esse leitor tem que saber usar estratégias de leitura adequados aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção, (PAULINO, 2010, P. 161-162)

Um dos maiores desafios da escola da modernidade é formar esse tipo de leitor abordado pela autora, leitores que consigam ler sozinhos, escolham suas leituras e que saibam entender todo processo de construção escrita de maneira prazerosa, no entanto não é fácil criar e mediar o hábito de ler dentro e fora da sala de aula não é fácil trabalhar com adolescentes, onde a procura de leituras por parte deles são autores e obras cobradas nos vestibulares, porém oferecer leituras prazerosas que contemple o que eles procuram para o vestibular e a grade curricular de ensino de literatura é uma maneira de reformular esse ensino.

A formação de leitores deve-se principalmente do despertar dentro da escola com uma parcela significativa da sociedade, pois o professor como responsável pela mediação de leituras em sala de aula necessita da ação de políticas públicas como corrobora Cassiane e Junqueira (2009, p.101):” um dos maiores propósitos do programa de literatura deve ser desenvolver a habilidade de leitores críticos”, essa é uma das grandes necessidade no ensino de literatura, através da democratização da leitura.



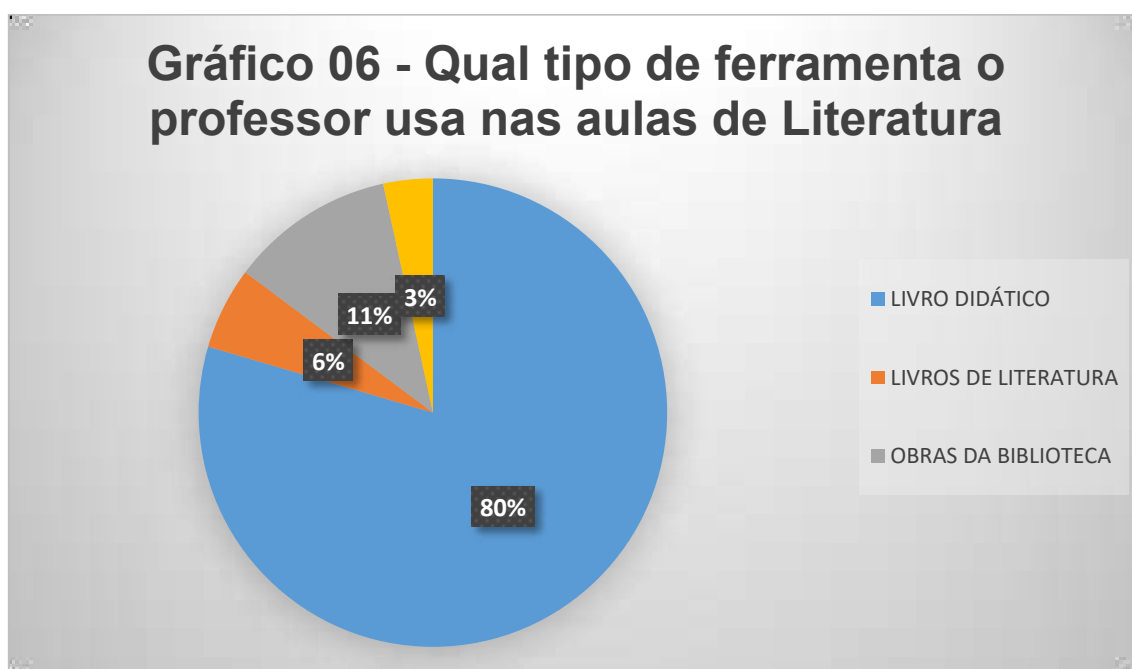
Fonte: PEREIRA, 2019

O incentivo para leitura de pais e professores nesse nível escolar reduz em grande escala, o perfil desses alunos é de leitores autônomos e capazes de

escolherem e realizarem suas próprias leituras, por mais que a realidade encontrada é de alunos que em pleno ensino médio não sejam leitores eficazes.

Quando esse incentivo tem que partir do professor do ensino médio a tarefa é bem mais árdua e difícil, mas ainda serão os professores os leitores competentes na visão dos alunos e para sua atuação devem ser sempre leitores em processo de formação para despertarem sempre com entusiasmo esse habito em sala de aula.

A função de educar alunos leitores na sociedade atual não é das mais fáceis, por que foge a função da escola, pois geram-se problemas exteriores que afetam esse ensino. Porém é necessário criar métodos que facilite a função dos professores enquanto mediadores de leitores hábeis para sociedade, pois a realidade encontrada são alunos em pleno ensino médio com o nível a baixo do adequado na competência leitura de textos literários.



Fonte: PEREIRA, 2019

Outra dificuldade encontrada no ensino de literatura no ensino médio é a restrição ao livro didático, ficando evidente infelizmente do não uso da biblioteca, tornando esse ensino monótono, cansativo e rotineiro.

Práticas de leituras eficazes demandam suporte da biblioteca e seu uso pelos professores, assim como também profissional adequado, motivação, livros

atualizados, recursos financeiros, computadores e internet. Enfatizamos que o papel fundamental recai sobre o mediador na formação de um leitor proativo, desafiado diariamente vencer tantos obstáculos e inovar na sua mediação. Corroboramos José(2009) ao afirmar:

Para que a biblioteca escolar possa cumprir a sua função de integrar-se ao ensino numa escola, faz-se necessário que o mediador, professor e/ou bibliotecário, seja um profissional dinâmico, pois caberá a ele estabelecer a ponte entre a biblioteca e os alunos, a biblioteca e os professores, e entre a biblioteca e os conteúdos. (JOSÉ, 2009, P. 133)

Diante a tamanha responsabilidade o mediador de leitura deve disponibilizar de conhecimento prévio, técnico e concepções de leitura, o professor ele não deve ser somente leitor de leituras que aumente seu conhecimento na área de atuação, mas deve ser leitor de leituras prazerosas e que esteja sempre atualizado de novas leitoras e suportes para acompanhar seus alunos, prazer pelo trabalho que realiza, pois demanda tempo, o leitor se formar durante um processo árduo e diário, necessitando em grande parte de um mediador atento e sensível a suas fragilidades.

A formação do leitor através de mediações é possível em virtude de atividades de promoção de leituras literárias, desde a ler, compartilhar, ouvir, encenar, encontros com autores, enfim toda ação é válida, como nos coloca as autoras Cassiana e Junqueira (2009): “os mediadores de leitura não devem se prender somente ao livro didático, pois são livres nas suas escolhas, desde que almejem as necessidades dos seus alunos”, como não devem excluir leituras primordiais como os cânones, que na maioria das vezes são mal interpretadas por mediadores e leitores.

Vale a pena também investir em leituras em outros suportes, como releituras de clássicos em formato de multimídia, best-sellers, filmes, são mediações de leituras que ganham espaço e conquistam esse leitor de forma criativa, interativa, conciliando leituras feitas com o livro e correlações com outras modalidades.

4.2 Análise do questionário- professor

Seguindo-se os procedimentos da pesquisa de campo, após aplicação dos questionários com os discentes, foi realizada a coleta de informações da

professora de literatura, buscou-se obter dados objetivos, através de um questionário com sete questões, abaixo relacionadas com as respectivas respostas feitas pela professora entrevistada.

Questão 01- Qual grau de sua escolaridade?

Possuo pós-graduação.

Questão 02- você se considera um bom professor?

Sim.

Questão 03- Qual sua metodologia em sala de aula na perspectiva de atingir o nível esperado de satisfação sua e de seus alunos?

Livro didático.

Questão 04- Quais gêneros literários você trabalha em sala de aula?

Trabalho os paradidáticos “clássicos da literatura brasileira” indicados pelo livro didático de acordo com a escola literária estudada no momento e peço para eles revezarem com outras leituras, como a leitura de jornais e revistas da atualidades e também as literaturas estrangeiras e modernas.

Questão 05- Quais as causas da dificuldade de leitura dos alunos existentes?

O maior problema que estamos enfrentando no século XXI, é o uso excessivo das redes sociais. Os alunos perdem muito tempo online, e esquecem de usar a internet e tecnologias a seu favor. Deveriam usar a internet para baixar livros, ler reportagens de atualidades, assistir vídeo-aulas, ou seja usar a internet para o seu crescimento intelectual e profissional. Outro fator existente e não menos prejudicial é a falta de incentivo e acompanhamento que eles não recebem dos seus pais.

Questão 06- Qual sua visão em relação a importância da biblioteca escolar?

De um espaço de conhecimento e informação onde os alunos apesar da nossa tentativa de inserir os livros no contexto das aulas, acabam por só utilizarem o celular.

Questão 07- Você utiliza a biblioteca escolar nas aulas de literatura?

Sim. Usamos os livros quando possível, sempre converso com a bibliotecária para tentarmos usufruir da nossa biblioteca, porem o espaço adequado para acomodar os alunos não temos.

De acordo com as respostas coletadas da professora, entendemos os grandes desafios encontrados no ensino de literatura, como também em todas as áreas da formação escolar desses alunos, a falta de incentivo por parte dos pais e o uso excessivo de celulares são alguns dos problemas, como também a grande resistência no uso da biblioteca, como percebemos não é algo cultural da escola o seu uso, porem algo opcional dos alunos.

A professora possui uma formação com um nível satisfatório e sempre está tentando parcerias com a bibliotecária, porem concluiu que os alunos só utilizam o celular. Os conteúdos de literatura restringem-se as escolas literárias disponíveis no livro didático, outro problema no ensino eficaz de literatura.

4.3 Analise do questionário- bibliotecário

Por último coletou-se os dados da bibliotecária onde realiza sua função no período vespertino, sendo a única bibliotecária da escola, no período matutino no qual realizamos a pesquisa a biblioteca permanece fechada, aplicamos um questionário com dose questões.

Questão 01- Qual o grau de escolaridade?

Pós-graduação.

Questão 02- Quais os dias de funcionamento da biblioteca?

Segunda a sexta.

Questão 03- Quais os horários de funcionamento (de segunda a sexta)?

Tarde (horário: 13:10 ÀS 17:30).

Questão 04- Qual o número médio de usuários por mês:

Não respondeu. Comentou que não tem uma estimativa.

Questão 05- Quantos livros existem no acervo desta biblioteca?

De 2.001 a 5.000 volumes.

Questão 06- Qual sua metodologia na biblioteca na perspectiva de atingir o nível esperado de satisfação sua e de seus alunos?

No momento nenhuma, pois a biblioteca está impossibilitada de receber os usuários, devido está lotada de livros da gincana e de objetos que não correspondem a biblioteca, pois o almoxarife está lotado, isso se dá a demanda da escola que é enorme.

Questão 07- Dos componentes e equipamentos necessários a uma biblioteca escolar, a biblioteca dispõem de quais?

Somente livros.

Questão 08- Qual a frequência de atividades solicitadas pelos professores de português/literatura feitos na biblioteca?

Às vezes.

Questão 09- Esta biblioteca tem acesso à INTERNET?

Não.

Questão 10- Que tipo de serviços a biblioteca oferece aos usuários?

Empréstimo domiciliar, no momento deve-se a biblioteca não possui espaço para realização de nenhuma atividade mas, mesmo diante a todos os obstáculos os alunos ainda procuram o espaço, estamos procurando solucionar esse problema o mais urgente possível, pois sabemos da importância do acesso à biblioteca na formação escolar de todos alunos.

Percebemos a partir das respostas coletadas, o não uso da biblioteca escolar no ensino de literatura pôr os alunos do 2ºano do ensino médio, foram listados alguns aspectos que dificultam esse acesso aos alunos como, falta de internet, mesas e cadeiras, ambiente impróprio para consultas locais.

Notamos também que a funcionária da bibliotecária não possui formação em biblioteconomia, foi remanejada da sala de aula onde lecionada para educação

infantil mas, tenta sempre está em parcerias com alunos e professores, mesmo que as atividades de sala de aula poucas privilegiam o acervo da biblioteca.

O horário de funcionamento da biblioteca é outro fator negativo do acesso ao acervo disponível e importante para as aulas de literatura, pois os alunos do período matutino e noturno não tem acesso a biblioteca a mesma só funciona no período vespertino.

Diante a tantos obstáculos a bibliotecária se mantém convicta que a biblioteca escolar é de suprema importância para a formação intelectual e cultural de todos os integrantes da escola, em especial os alunos, na tentativa de melhorar e atender a todo o público escolar, não somente o vespertino, a responsável a todo tempo busca solucionar esses problemas juntamente com a direção da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante ao pressuposto estudo que interlaça essa monografia, foi observado as infinitas reflexões acerca da formação do leitor, através do ensino de literatura, que tem por excelência a função de mediar essa formação. Atualmente encontra-se grande restrição em ações que facilite esse ensino dentro das escolas, como grande relevância o não uso da biblioteca escolar.

Não se reconheceu ainda a grande importância da biblioteca escola como espaço dinamizador e enriquecedor de conhecimento através de suas práticas, esse reconhecimento em grande maioria deve vir do professor, pois é ele que possibilita práticas educativas no cotidiano escolar, assim como também de ações públicas que viabilize a formação e incentivo de leitores e professores.

Os resultados encontrados na pesquisa realizada, evidencia o reconhecimento por parte do professor sobre a importância no uso da biblioteca escolar no ensino de literatura, mesmo diante as grandes dificuldades encontradas na escola. Contudo, a responsável pela biblioteca, discorreu sobre as dificuldades que a biblioteca escolar encontra para sua utilização no ensino.

Constatou-se através dos alunos problemas frequentes no cotidiano escolar que dificultam o acesso deles na biblioteca, como horário de funcionamento, não possuir internet, mesas, cadeiras, gerando desinteresse por parte dos mesmos. A ausência de projetos e ações de incentivo fomento ao acervo da biblioteca, fora justificado por professores, alunos e bibliotecários pelo espaço inadequado.

É necessário mudanças para utilização dessa biblioteca, em primeiro plano uma ação pública para o aumento no espaço da biblioteca, em vista da demanda da escola, os procedimentos pedagógicos trabalhados em sala de aula devem contemplar as leituras literárias disponíveis na biblioteca, repensado assim o uso somente do livro didático.

Para tanto, evidenciou-se a importância da formação do professor de literatura, e principalmente a formação continuada para esses mediadores de leitura, que precisam contemplar a biblioteca.

A parceria entre professores e bibliotecários, tem uma parcela significativa no uso dessa ferramenta pedagógica, professores com a função de solicitar o uso do acervo da biblioteca, como bibliotecários, trabalharemos com ações que motivem a

busca e o acesso a esse ambiente, devendo haver uma flexibilidade na carga horaria da escola.

O descaso na educação é visível, faltam recursos físicos e humanos, porem como escola percebemos a importância do uso de bibliotecas no subsidio do ensino quando, conseguirmos unir a biblioteca à escola, conseguiremos reverter esses índices.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. (1987). **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática.

BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores/** elaboração Andréa Berenblum, Jane Paiva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BERNARDES, José Augusto. **A literatura no ensino secundário: excessos, expiações e caminhos novos**. In: DIONÍSIO, Maria de Lourdes e CASTRO, Rui Vieira de (Orgs). O português nas escolas – ensaios sobre a língua e a literatura no ensino secundário. Coimbra: Almedina, 2005.

BRASIL. **Constituição Federal**: república federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Política para a formação de leitores**. Uma proposta pedagógica. Documento preliminar Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. **Relatório final do Projeto de Avaliação Diagnostica do Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Rio de Janeiro: ALPAC, marc.2006.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo, Ática, 1995.

BUIM, Dagoberto Arena, **Leitura no espaço da biblioteca escolar**, In: JUNQUEIRA, Renata. Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

CAMPELLO, B. **O bibliotecário e a pesquisa escolar**. **Presença Pedagógica**, v. 16, n. 93, maio/jun. 2010.

CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura**. In: Vários Escritos. 3ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASSIANA, Caroline e JUNQUEIRA, Renata, **Programas de leitura na biblioteca escolar: a literatura a serviço da formação de leitores**, In: JUNQUEIRA, Renata. Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

COSSON, Rildo, **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto. 2004.

COSSON, Rildo, **Letramento literário: teoria e prática**. 2ed-São Paulo: Contexto. 2011a

COSSON, Rildo, **O espaço da literatura na sala de aula**. Brasília: Mec, 2010.

FAILLA, ZOARA (Org.) **Retratos da Leitura no Brasil 3** – São Paulo: Imprensa Oficial Estado de São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012. FAILLA, Zoara. Os jovens, leitura e inclusão. In: AMORIM, Galeno (Org.) **Retratos da Leitura no Brasil 2** – São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Cortez editora, 2017.

GADOTTI, Moacir. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura**. São Paulo: Loyola, 1992.

GÓES, L. P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GOMES, F. F. L. & SOUZA, J. M. R. **Os caminhos para um ensino produtivo de Língua Portuguesa**. V Semana de Letras – Linguagem e entrecosques culturais. Língua, literatura e cultura brasileira. Catolé do Rocha – PB, 2010.

GRAZIELLA, Cintia Guilzelim e JUNQUEIRA, Renata. **A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens**, In: JUNQUEIRA, Renata. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

IFLA. International Federation of Library Associations and Institutions. **Manifesto da Biblioteca escolar da IFLA/UNESCO 1999**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=IFLA.+International+Federation+of+Library+Associations+and+Institutions.+Manifesto+da+Biblioteca+escolar+da+IFLA%2FUNESCO+1999.&aq=chrome..69i57.1058j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 09/07/2019.

JOSÉ, E. (2007). **Literatura Infantil: Ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Meditação.

JOSÉ, Rovilson, **biblioteca escolar: organização e funcionamento**, In: JUNQUEIRA, Renata. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

KLEIMAM, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Ática, 1989.

KLEIMAM, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática** 9ª edição, Campinas- SP; Pontes, 1999.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KRAMER, MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, Literatura e Escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEFFA, Vilson. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sangra – Luzzatto, 1996.

Manifesto da Unesco sobre as bibliotecas escolares(1999). Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf> Acessado: 11/05/2019

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MAUÉS, Flamarion. **A exclusão da leitura**. In: Revista Teoria e Debate. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n.50, fev./mar./abr.2002

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 2012.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 10 de outubro de 2011.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. In: Das leituras ao letramento literário. Belo Horizonte: FaE/UFMG & Pelotas: EDGUFPeL, 2010.

ROJO, Roxane. **A prática de linguagem em sala de aula praticando os PCNs**. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. **Políticas de promoção da leitura**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986.

SILVA, R.J.; Bortolin, S. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

SOLE, I. (1998). **Estratégias de leitura**. 6ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Editora Atica, 1989.

SOARES, Magda. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CAMINHOS E DESCAMINHOS**. Revista Pátio, n. 29, fevereiro de 2004.

SILVA, T. T. da. **A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia**. In: GENTILI, P. A. A.; SILVA, T. T. da. (Org.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1995.

SILVA, W.c. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986.

TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 9. ed. São Paulo: Global, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Curitiba: Editora da UFPR, 1995.

ANEXOS

ANEXO A – APLICAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO



